

SYLVIA DE OLIVEIRA SOUZA RODRIGUES

ENTRE O DESEJO E O TRAUMA:
DUAS PERSPECTIVAS FREUDIANAS SOBRE O SONHO

Monografia de conclusão do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica

Orientador: Inês Rosa Bianca Loureiro

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

EDUCAÇÃO CONTINUADA

2022

Entre o desejo e o trauma: duas perspectivas freudianas sobre o trauma

Resumo

A teoria do sonho em Freud demonstrou-se fundamental para a elaboração de conceitos da teoria psicanalítica sendo, portanto, revisada e revisitada pelo autor em diversos momentos de sua obra. Neste trabalho, busca-se articular, por meio de uma revisão bibliográfica, duas dimensões da função do sonho sugeridas por Freud. Em um primeiro momento, enfoca-se a função dos sonhos enquanto realização de desejos inconscientes; posteriormente, são verificadas as mudanças teóricas empreendidas pelo autor a partir da observação de sonhos traumáticos. Neste segundo momento, constata-se a importância da produção onírica e do mecanismo da figurabilidade para transformação da energia livre em energia ligada, permitindo a assimilação de eventos traumáticos a partir da elaboração psíquica.

Palavras-chave:

sonhos em Freud; figurabilidade; trauma; elaboração psíquica; metapsicologia.

Agradecimentos

Como não poderia ser diferente, agradeço em primeiro lugar à professora Inês Loureiro, verdadeira arquiteta de ideias e pensamentos, orientadora que se mostrou paciente, desde o início, indicando caminhos que sozinha eu não seria capaz de construir.

À minha psicanalista que, diante da análise dos meus próprios sonhos, possibilitou que eu concebesse na prática a metáfora do terceiro analítico.

Aos meus queridos amigos, que “co-sonharam” juntos este projeto, levando o sonho para a mesa de bar, para o ambiente de trabalho, para viagens e para o terreiro, aliviando o peso solitário que contém a escrita de um trabalho.

À melatonina, à penumbra do quarto e aos óleos essenciais, pelo protagonismo em me proporcionar boas noites de sono (e sonhos) diante da ansiedade das entregas finais.

Aos professores do COGEAE, do curso de Especialização em Teoria Psicanalítica, que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação.

Ao meu pai, por me fazer ter um olhar contemplador sobre a memória, e à minha mãe, por compartilhar sonhos e fazer viva a força do diálogo entre nós.

Ao estranho familiar que me habita, que me faz lembrar cotidianamente que não existem verdades absolutas – e me proporciona todas as noites, por meio dos sonhos, uma tentativa pueril de voltar no tempo, de um modo que tanto me ensina e instiga a viver o presente.

Sumário

Resumo	1
Agradecimentos	2
1. Introdução.....	4
2. Um motor chamado desejo	8
2.1 Do manifesto ao latente: a trama do desejo.....	11
2.2 O trabalho do sonho e a interpretação do desejo	15
2.3 Do que são feitos os sonhos: o desejo em cena.....	22
3. A figurabilidade nos sonhos traumáticos.....	30
3.1 O trauma em cena	32
3.2 A função simbolizante nos sonhos traumáticos	38
4. Considerações finais	46
Referências Bibliográficas:	49

1. Introdução

Um novo mistério se inaugura, todas as noites, quando nossos olhos se fecham e finalmente somos tragados pelo sono, levados para uma zona fronteira entre a realidade material e a realidade psíquica. De olhos fechados para o mundo da vigília, mantemos nossos olhos abertos em um outro mundo, habitado por aquilo que parece indecifrável, fora da lógica e da razão: damos entrada no mundo dos sonhos, palco para acontecimentos incontroláveis e poderosos, capazes de nos levar a ações que jamais faríamos se estivéssemos despertos.

Sonhar pode nos levar a lugares da tenra infância ou a experimentar o amargo sabor da morte; compostos em uma gramática muito particular, os sonhos podem despertar sentimentos díspares, ora de angústia, ora de amor. Podem, também, ser traçoeiros, na infância ou na vida adulta, seja por medo do escuro, seja por nos lembrar traumas que ainda nos apavoram ou por criarem novos cenários para o áspero real do noticiário. Sonhar pode ser dor ou delícia fugaz, mas, sobretudo, é vetor para o não-lugar de nosso desejo. É necessário tempo, fala e escuta para elaborar a cartografia do sonhar e perceber que, de fato, “sonhos não envelhecem”, como nos lembra a letra do grande Milton Nascimento.

Um recorte pessoal serve como farol para a elaboração deste trabalho. Se hoje estamos “recém-saídos” do cárcere coletivo imposto pela covid-19, ao olhar pra trás, percebo como os sonhos foram verdadeiros guias simbólicos para enfrentar uma realidade tão áspera. Desde o início, vi-me devorando um certo padrão de literatura onírica, ao mesmo tempo que percebia meus sonhos cada vez mais abundantes em símbolos que espelhavam as notícias ou arranjos improváveis. Esse mergulho particular nos meus sonhos me fez voltar a um certo tipo de curiosidade quase infantil, ao realizar uma espécie de arqueologia de mim mesma. O desejo de conhecer meus sonhos, mais de perto, levou-me à escolha desta formação em Teoria Psicanalítica, que não poderia ser concluída sem uma pesquisa cujo objeto fosse atrelado à literatura onírica iniciada por Freud na obra magna *Interpretação dos sonhos* (1900).

O ato de sonhar acompanha a evolução da humanidade e ousaria dizer que os sonhos podem ser considerados matéria-prima da própria cultura. Em Freud, sabemos

da importância teórica dos sonhos para a concepção do edifício psicanalítico, posto que o trabalho onírico foi peça fundante para a compreensão da memória, da formação do pensamento e, portanto, da compreensão da gramática do psiquismo. Prova disso foi o esforço do autor em manter atualizada sua obra nas edições posteriores, bem como o fato de criar novos artigos que remetiam à obra inicial, todavia, com articulações que se uniam aos conceitos metapsicológicos dos distintos momentos, conforme percebemos em *Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos* (1917[1915]) e *Novas conferências introdutórias à psicanálise* (1933).

Se, popularmente, concebemos os sonhos como quimeras noturnas do pensamento, Freud se afasta dessa concepção simplista, propondo perceber, na estranheza do fenômeno onírico, uma profunda conexão com os nossos desejos mais íntimos e primevos. Entretanto, Freud também demonstra que os afetos atribuídos aos sonhos traumáticos podem se traduzir em sonhos de medo e angústia, caminhos de “chegada” que parecem se distanciar e criar um paradoxo sobre o sonho enquanto realização de desejos.

Diante dessas várias teses, colocamos como fio condutor deste trabalho a seguinte pergunta: o que seria o sonho para Freud? Quais funções lhes são atribuídas? Haveria uma única concepção capaz de abarcar toda a complexidade onírica? Neste trabalho, uma pesquisa exploratória centrada no referencial teórico freudiano, buscaremos pôr uma lupa sobre como Freud delimitou a função do sonho a partir de uma dupla vertente, a saber, tanto como realização de desejos quanto como tentativas de reelaboração psíquica de afetos traumáticos. Para isso, percorreremos os mecanismos do trabalho do sonho, que constituem a gênese do sonhar e possibilitam compreender o sonho como trabalho psíquico na apropriação de eventos traumáticos.

É imprescindível retomar as principais teses contidas na obra *Interpretação dos sonhos* (1900) e resumidas na obra *Sobre os sonhos* (1901) – tendo-as como a bússola que irá nos guiar, dado o poder sintético e assertivo na maneira de abordar o trabalho do sonho. Neste momento, a psicanálise passa a conceber os fenômenos psíquicos como dotados de sentido, o que transforma o estatuto da interpretação dentro do discurso psicanalítico. Mozani (2014) diz que:

...a instauração de uma nova região do saber, a decifração metódica das leis que regulam o funcionamento desse novo espaço, a instauração do

trabalho psicanalítico como pesquisa dos efeitos desse campo no plano consciente (sonhos, atos falhos, sintomas), efeitos que se revelam basicamente como efeitos de sentido (...) Muito mais que produtor de um sentido, o sujeito se vê agora como o suporte de uma significação que se anuncia através dele, como mero suporte de uma ação operada por um outro (*das andere*) que, paradoxalmente, está em nós sem se confundir com nosso “ego”. (p.62).

Na tentativa de decifrar o latente, o subjacente ao manifesto, ou seja, encontrando um sentido oculto nos fenômenos psíquicos (os sonhos, os lapsos, os chistes e os sintomas), Freud afirma a existência de processos primários que subjazem à esfera da consciência. Nessa escavação do aparelho psíquico, possibilitada pela interpretação dos sonhos, esses se notabilizam como realização de desejo e manifestam um conteúdo recalçado da sexualidade infantil (Mozani, 1989), conforme demonstraremos no primeiro capítulo deste trabalho. Outrossim, a exposição da figurabilidade como léxico do trabalho dos sonhos nos permitirá ampliar a importância da figuração visual onírica como “função primordial da subjetivação” (Pereira e Coelho Junior, 2020, p.18) alçada a uma característica constitutiva da própria realidade psíquica.

Freud (1900) também nos convoca a considerar o sonho como uma “psicopatologia da vida cotidiana” (Pereira e Coelho Junior, 2020, p.16), posto que sua estrutura pode ser equiparada à do sintoma neurótico. Dessa forma, para além da dimensão do desejo inconsciente, Pereira e Coelho Junior demonstram, na obra *Oniricopandemia* (2020,) que os sonhos também condizem com o que designam:

(...) um modo de apropriação de um afeto ainda mais arcaico do que a angústia, o terror capaz de congelar as funções psíquicas de transformação e alterar os processamentos de realidade e legitimação da percepção e dos afetos vividos. (PEREIRA E COELHO JR., 2020, p.16).

A universalidade da atividade onírica nos leva à exposição de um outro atributo do psiquismo: sua vulnerabilidade traumática. Freud dá novos contornos à teoria dos sonhos a partir da observação dos sonhos traumáticos recorrentes na população europeia do pós-guerra, pista fundamental que inaugura toda uma atualização da teoria pulsional da psicanálise, como é demonstrado em *Além do Princípio do Prazer* (1920). Por meio do fenômeno da repetição de cenas traumáticas nos sonhos, compreenderemos também a atividade onírica como uma tentativa de conduzir a algum tipo de representação aqueles afetos entorpecidos pela ação do trauma, reconectando-os novamente no circuito

pulsional. Os textos *Introdução à psicanálise das neuroses de guerra* (1919), *Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos* (1917) e *Além do Princípio do prazer* (1920) serão utilizados para demonstrar essa ampliação da função do sonho, para além do que já estava posto na originalidade do texto de 1900.

Se até mesmo Freud afirma, na primeira parte do capítulo VII de *Interpretação de sonhos* (1900), que “ninguém deve esperar que a interpretação de seus sonhos caia do céu sem esforço próprio” (1900/2016, p.572), este trabalho é também uma forma de convidar o leitor a pensar o sonho em um contexto social, de forma que sejam reconduzidos do lugar da “sedação” noturna individual para dimensões intersubjetivas e, por que não, coletivas, onde há a circulação da palavra e, portanto, da elaboração.

2. Um motor chamado desejo

A afirmativa de que o sonho é a realização de um desejo é revolucionária, no sentido de que corrobora, amplia e alarga os pressupostos metapsicológicos de Freud, propostos até os anos de 1900, data de publicação da obra *Interpretação dos Sonhos* (1900). Expor essa afirmação tão paradigmática, já no início deste capítulo, não tem o sentido de antecipar o desfecho de uma grande elaboração teórica da psicanálise freudiana, mas, substancialmente, o de delimitar um ponto de chegada para enfim adentrarmos no universo onírico. E, como toda jornada pressupõe caminhos e atalhos, proponho preliminarmente uma breve recapitulação histórica e teórica da elaboração conceitual de Freud até 1900, na tentativa de construir os argumentos e ideias que levam à compreensão do desejo como impulsor do sonho.

Na tentativa de uma sistematização histórica, tomamos como ponto de partida a hipótese da histeria enquanto matriz clínica dos primeiros pressupostos metapsicológicos de Freud, entre os anos de 1895-1905, suposição elaborada e justificada em diversos sentidos por Mezan (2013), conforme explicitado pelo autor:

...foi estudando esta afecção, e não outra, que Freud produziu seus primeiros conceitos (...) é na histeria que se verificam de modo mais visível os fenômenos que justificam as ideias centrais da metapsicologia de então - a de deslocamento da energia e a de adesão desta energia a representações que, por esse motivo, se tornam hiperintensas (processos primários). O desprazer provocado por tais representações motiva a sua repressão, e esta é a razão de o funcionamento em processo primário ser inconsciente: as primeiras invenções originais de Freud são precisamente os conceitos de inconsciente e de defesa, encarregados de dar conta da aparente falta de sentido dos sintomas, e das lacunas da memória que aparecem ali onde a ação da repressão se exerceu. (p.102 e 103).

Portanto, percebemos que, à luz da etiologia (psíquica) da histeria proposta por Freud, constam também as principais descobertas do edifício psicanalítico, posto que é através desta neurose que o autor também desenvolve e justifica seus principais pressupostos teóricos, aqueles que edificam a primeira tópica freudiana, além de engendrar também todo um novo dicionário psicanalítico, cujos verbetes serão vastamente utilizados ao longo de toda sua obra, com destaque para as noções de inconsciente, fantasia, repressão, censura e transferência.

A insistência em utilizarmos a histeria como matriz psíquica também confirma a afirmação de que todo sonho é impulsionado por um desejo inconsciente, visto que é através da teoria dos sonhos que Freud consegue demonstrar, por meio da experiência, o fato de que “a teoria dos sintomas psiconeuróticos culmina na tese de que também eles devem ser vistos como realizações de desejo do inconsciente” (FREUD, 1900/2016, p. 621). Por essa transposição teórica, percebemos um espelhamento entre os mecanismos formadores do sintoma neurótico e do sonho. Com essa manobra epistemológica, Freud dá conta de explicar o funcionamento do aparelho psíquico, ao confirmar a convergência dos seus pressupostos sobre a histeria dentro da interpretação dos sonhos.

Levando-se em consideração que, pelo método de investigação da histeria temos também a origem da associação livre (FREUD, 1895/2016), percebemos que tal neurose edifica os recursos para a compreensão do psiquismo, distanciando-se dos fundamentos meramente biologizantes. É através do enigma apresentado nos fenômenos psíquicos – como os sintomas neuróticos e os sonhos – que Freud demonstra a existência de processos inconscientes que, posteriormente, serão entendidos como processos primários (MEZAN, 2013).

Antes de nos enredarmos pelas correlações entre a origem e a organização dos processos inconscientes, que nos levam aos caminhos do desejo, precisamos do entendimento básico daquilo que é posto como combustível de toda a fundação metapsicológica de Freud: a hipótese econômica do funcionamento do psiquismo, que, de acordo com Laplanche e Pontalis (1991, p.121) “qualifica tudo o que se refere à hipótese de que os processos psíquicos consistem na circulação e repartição de uma energia quantificável (energia pulsional)”.

A unidade quantitativa que expressa o enfoque econômico do psiquismo é denominada, até a época de *Intepretação dos Sonhos* (1900), como quantum de afeto, termo este que será posteriormente desdobrado no conceito de pulsão. Em ambas as terminologias, encontramos a possibilidade de expressar em termos quantitativos – embora não se possa medi-los efetivamente – algo do psiquismo que tem a propriedade de ser diminuída, deslocada, aumentada e descarregada, ou seja, uma energia que flui no interior do sistema nervoso e que é capaz de aderir a representações, integrando assim um dos mais emblemáticos circuitos do organismo (MEZAN, 2013).

Insisto na importância de compreendermos a dimensão econômica do psiquismo, pois é indispensável para o entendimento do princípio de constância, estabelecido por Freud em *Estudos sobre a histeria* (1895), e que regula o funcionamento do aparelho psíquico proposto na obra *Interpretação dos Sonhos* (1900), através dos processos primários e secundários, essência para compreender o desejo como motor de tal aparelho (FREUD, 1900). Para não nos distanciarmos do nosso caminho da concepção do sonho como realização do desejo não iremos, aqui, nos aprofundar nos processos metapsicológicos acerca do princípio de constância, mas podemos recorrer à explanação sintética de Mezan:

...princípio segundo o qual o objetivo do aparelho psíquico é manter a estimulação no nível mais baixo possível, e idealmente no nível zero. A quiescência é prazenteira, a excitação causa desprazer, e por isso o princípio de constância pode ser compreendido também - em sua dimensão propriamente psicológica - como o princípio de evitar o desprazer, ou sob a denominação que se tornou mais familiar, como o princípio do prazer. (2013, p.94).

Se entendemos que o que está em jogo no princípio do prazer é a tentativa de equilibrar o psiquismo humano por meio de uma equação de força e contraforças, inferimos que a centralidade deste princípio repousa na ideia de um conflito psíquico, núcleo da etiologia das neuroses, demonstradas nos textos de *Estudos sobre a histeria* (1895). Nos sintomas neuróticos, o que está em jogo é a formação de um compromisso entre “dois grupos de representações que agem como duas forças de sentido contrário” (Laplanche e Pontalis, 1991, p. 89) e que desembocam na formação da repressão, que “consiste exatamente em separar, de uma representação, o afeto concomitante” (MEZAN, 2013, p.105), processo este que, analogamente, pode ser percebido também no fenômeno do sonho (FREUD, 1900/2016), conforme veremos ao longo do capítulo.

No horizonte teórico apresentado até a *Interpretação dos Sonhos* (1900), percebemos que o conflito psíquico corresponde ao confronto entre duas forças opostas, em que de um lado está a sexualidade e do outro a instância recalcadora, oriunda das heranças morais e éticas do sujeito. Em outras palavras, o conflito psíquico aponta a existência de dois tipos de funcionamento mental, tendo nos processos primários a regência pelo inconsciente e nos secundários aquele regido pelo princípio da realidade. Temos, destarte, o solo fértil em que se nasce a primeira tópica freudiana, uma divisão

espacial do sistema psíquico, sendo este composto por “lugares”, no sentido metafórico, que no capítulo VII de *Interpretação dos Sonhos* (1900) revelam três sistemas: o inconsciente, o pré-consciente e o consciente. A descoberta original proposta por Freud em *Interpretação dos Sonhos*, por conseguinte, é a própria descoberta do inconsciente, que é alçado do patamar de adjetivo psíquico para substantivo.

2.1 Do manifesto ao latente: a trama do desejo

Freud diz que a tentativa de explicação dos sonhos pela humanidade, em suas distintas fases e manifestações socioculturais, permanece um enigma ainda não satisfatoriamente decifrado. Como em qualquer enigma, o que subjaz à sua solução é, principalmente, o significado. Dessa forma, Freud nos lembra que no núcleo da curiosidade em explicar os sonhos reside a questão de significá-los, mediante acepções que podem ser de categorização - enquanto evento psíquico ou somático - e de sentido, ou seja, se passíveis de interpretação (FREUD, 1901/2016).

Se de um lado, à luz da época de publicação de *Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud rebatia o posicionamento da medicina de então, que buscava atribuir aos sonhos um fenômeno de caráter desconexo e sem sentido, com finalidades puramente somáticas (1901/2016), por outro, aproximava seu pensamento da opinião popular, posto que essa via um sentido no sonho, seja das crenças premonitórias ou das tentativas de interpretação baseadas em relações simbólicas universais e bastante rígidas (1901/2016). Freud (1901/2016), portanto, exprime como a aplicação de seu método psicanalítico é também funcional para interpretar sonhos:

...cheguei a um novo esclarecimento sobre os sonhos, aplicando-lhes um novo método de investigação psicológica que me havia prestado ótimos serviços na solução das fobias, ideias obsessivas, delírios, etc., e que desde então foi aceito, com o nome de “psicanálise”, por toda uma escola de pesquisadoras. (...) As fobias e obsessões são tão alheias à consciência normal como os sonhos à consciência desperta; sua origem é, para a consciência, tão desconhecida como a dos sonhos” (p.381).

Para demonstrar a eficácia da transposição do método psicanalítico para a interpretação dos sonhos, Freud lança mão da análise de seus próprios sonhos que, na obra reduzida *Sobre os sonhos* (1901), é exposta por meio de um relato onírico

relativamente curto, não obstante ilógico e impreciso, em que o autor sonha estar em uma mesa comum para refeições de hotel, acompanhado de uma mulher conhecida, mas sem qualquer vínculo afetivo, que faz elogios misteriosos ao seu olhar, e que, por fim, relaciona-se com o desenho de lentes de óculos (FREUD, 1901/2016).

Para o autor, a busca pelo sentido do conteúdo onírico é, primordialmente, iniciar a decomposição e a decantação dos elementos dos sonhos, de forma a criar uma teia de associações entre eles (FREUD, 1901/2016). Freud então decompõe o sonho previamente citado, descobrindo uma miríade de conexões entre seus fragmentos, demonstrando, assim, que as cadeias de pensamento que vêm à tona com a análise são capazes de produzir vínculos mantidos como imperceptíveis no próprio conteúdo do relato onírico, reorganizando, em um novo contexto afetivo, todos esses elementos:

Ao seguir as associações que se ligavam a cada elemento onírico, retirado do contexto, cheguei a uma série de pensamentos e lembranças em que reconheço manifestações valiosas de minha vida psíquica. Esse material (...) tem relação íntima com o conteúdo do sonho. Esse era desprovido de afetos, desconexo e incompreensível; enquanto desenvolvo os pensamentos por trás dele, sinto impulsos afetivos intensos e bem fundados; os próprios pensamentos se encaixam muito bem em cadeias logicamente vinculadas, nas quais certas ideias centrais surgem repetidas vezes. (FREUD, 1901/2016, p.387).

Convém salientar que, ao analisar o próprio sonho, Freud pretende - com a experiência individual - dar conta de um fenômeno universal, posto que todo e qualquer sonho sempre se impõe como “uma espécie de substituto para as sequências de pensamentos, carregadas de afeto e de significado” (FREUD, 1901/2016, p.381), cujas associações desvelam confissões de cunho íntimo; justifica, dessa forma, a ética e a reserva que implicam seu método interpretativo.

O experimento interpretativo exposto em *Sobre os Sonhos* (1901) buscou demonstrar a validade dos seus recursos psicanalíticos, à época, e também objetar o argumento da medicina daquele período, que relacionava “os sonhos à atividade cerebral dissociada durante o sono” (FREUD, 1901/2016, p.392), uma vez que estes estão irremediavelmente conectados à vida psíquica do sujeito, em ramificações orquestradas.

A interpretação da atividade onírica não examina o conjunto do sonho apresentado no relato onírico (conteúdo manifesto), e sim cada um dos fragmentos que o constitui. Partindo das muitas associações despertadas por esses fragmentos do sonho,

encontramos certos denominadores que nos levam a uma “cadeia de pensamentos, cujos elementos reaparecem nos componentes do sonho e que são interligados de modo correto e pleno de sentido” (FREUD, 1901/2016, p.388-389). Dessa forma, assumimos que o conteúdo dos sonhos conserva um sentido oculto que, pelo procedimento analítico, conseguimos encontrar. Nesse sentido, entendemos que o sonho, para além de um fenômeno psíquico dotado de sentido, também carece de explicação, pois sua linguagem difere radicalmente daquela à qual lançamos mão na vida de vigília (MONZANI, 1989).

Freud estabelece uma distinção conceitual entre a lembrança do conteúdo onírico e o conteúdo organizado obtido por meio da interpretação. “O sonho antes de ser submetido à investigação analítica, tal como aparece ao sonhante que o relata” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1991, p. 100) é denominado, por Freud, *conteúdo manifesto*. Em outros termos, trata-se do produto resultante do trabalho do sonho, cujas associações ainda são ocultas à consciência pelo mecanismo da censura (FREUD, 1900/2016). De outro lado, denomina de *conteúdo latente* aquele material que se obtém após a análise do conteúdo manifesto, sendo “a tradução integral e verídica da palavra do sonhante, a expressão adequada do seu desejo” (LAPLANCHE E PONTALIS, 1991, p.99); Freud também se refere ao conteúdo latente como “pensamentos oníricos”.

Se nos ativermos ao fato de que existe um vínculo entre ambas as dimensões propostas, como se daria, portanto, a transformação do conteúdo latente em manifesto e vice-versa? Freud chama o primeiro processo de *trabalho do sonho*, um conjunto de operações capaz de modificar os pensamentos do sonho em conteúdo manifesto (FREUD, 1900/2016), com as quais é “possível desvelar os mecanismos psíquicos que estão em jogo na elaboração onírica (MONZANI, 1989, p. 101). A contrapartida dessa operação é o próprio trabalho da análise/interpretação, no qual se desvela o sentido por trás das cadeias associativas, geradas a partir da interpretação do material manifesto. (FREUD, 1900/2016).

O que podemos inferir como central entre a transformação dos pensamentos latentes em conteúdo manifesto é, efetivamente, a ideia de tradução, a ser desfeita pela interpretação, visto que:

(...) por ser o primeiro exemplo conhecido de transposição de material psíquico de uma forma de expressão para outra, de uma forma de expressão que nos é compreensível de imediato para outra cuja

compreensão podemos alcançar apenas com orientação e esforço, embora também ele deva ser reconhecido como obra de nossa atividade psíquica. (FREUD, 1901/2016, p.390).

Dessa forma, o que está posto em questão é a compreensão de uma linguagem “falada” pelo conteúdo latente e “traduzida” no conteúdo manifesto, que muda radicalmente as relações entre as linguagens neurofisiológicas para a prevalência de uma linguagem do sentido:

O trabalho concreto e efetivo da análise onírica revelou não só que os sonhos têm um sentido, que são realizações de desejos, como também mostrou (e daí a necessidade da interpretação) que esse sentido é “deslocado”, “distorcido”, colocado sob a forma representativa de imagens. (MONZANI, 1989, p.83).

O sonho, tal como apresentado em seu conteúdo manifesto, não pode ser conhecido apenas a partir de suas imagens figurativas, mas sim pelo valor que estas empregam enquanto signos de outra coisa, o que podemos entender como um exemplar de pictograma cifrado. Desse modo, compreendemos que, por meio da linguagem dos sonhos, Freud enraíza o discurso psicanalítico e insere o psiquismo dentro de uma teoria do sentido, em detrimento de uma aceção puramente neurofisiológica do mesmo, conforme sintetiza Monzani (1989):

(...), na medida em que é a interpretação que comanda o espetáculo e que nela o que prevalece é uma linguagem do sentido, o sonho então, nessa perspectiva, implicará uma tematização psicológica e não neurológica do problema. Substituir-se á, portanto, a linguagem da neurofisiologia por aquela que trata de representações. Trata-se agora de um aparelho psíquico. (p.84).

Mas seriam todos os sonhos produzidos em linguagem cifrada? Ou melhor, qual seria a finalidade da linguagem dos sonhos? Retomando a relação entre conteúdo onírico latente e manifesto, Freud divide os sonhos em três categorias, sendo a primeira pertencente aos sonhos passíveis de compreensão, que não produzem perplexidade alguma, enquanto no segundo grupo estão os sonhos que, embora tenham uma certa congruência, não demonstram “sentido em nossa vida psíquica” (FREUD, 1901/2016, p. 390). No entanto, a maioria dos sonhos são apresentados como incoerentes e absurdos, aparentemente não dotados de “sentido e inteligibilidade” (FREUD, 1901/2016, p.391). Para o autor, o contraste entre conteúdo manifesto e latente é observado

majoritariamente entre os sonhos do segundo e terceiro tipo (FREUD, 1901/2016), ou seja, entre aqueles que se nos apresentam como confusos e ininteligíveis, os quais, em nossa própria experiência enquanto sonhadores, podemos frequentemente observar.

Através da análise de sonhos simples e inequívocos, cujo conteúdo onírico não apresenta grande deformação, Freud explicita um mesmo denominador a todos: “são simples e indisfarçadas realizações de desejo” (FREUD, 1901/2016, p. 393). Para validar sua tese, o autor aloca dentro dessa caracterização uma coletânea de sonhos infantis que, invariavelmente são interpretados como realização de desejo, mas que mantêm uma conexão íntima com os restos diurnos vividos pelas crianças. Em tais sonhos, as crianças procuram lograr aquilo que “o dia não lhe dera” (FREUD, 1901/2016, p.393). Mesmo na vida adulta, os sonhos que demonstram francas realizações de desejo, sem muitas objeções, também podem ser percebidos e se expressam pelos *sonhos de comodidade*, termo elaborado por Freud para explicar sonhos que buscam se livrar de estímulos externos, como os sonhos de sede. (FREUD, 1901/2016).

Mas como se dá a validação da tese da realização de desejo naqueles sonhos em que o conteúdo manifesto se afasta do latente? Quais seriam os mecanismos psíquicos responsáveis por camuflar o desejo nos sonhos adultos através da deformação onírica? A questão da universalidade da tese de que o sonho é uma realização de desejo, mesmo naqueles em que isso parece distante, pode ser explicada a partir do que Freud chama de *trabalho do sonho* (ou *elaboração onírica*); este processo psíquico, dotado de originalidade, diz muito sobre como os processos inconscientes se organizam também no surgimento dos sintomas histéricos, fobias e obsessões (FREUD, 1901/2016), conforme veremos mais adiante.

2.2 O trabalho do sonho e a interpretação do desejo

Ao considerarmos que existe uma diferenciação entre conteúdo manifesto e conteúdo latente, e também uma dinâmica que transforma o segundo no primeiro, encontramos o processo constituinte dessa transformação, denominado por Freud de trabalho do sonho. (FREUD, 1901/2016). Em outras palavras, o pensamento latente poderia ser apontado como a matéria-prima dos sonhos, ao mesmo tempo que o

pensamento manifesto se mostra como o produto decorrente do gasto energético realizado pelo trabalho do sonho (MEZAN, 2013), tendo a deformação onírica como efeito colateral deste trabalho (LAPLANCHE & PONTALIS, 1991).

Os mecanismos fundantes para a realização do trabalho do sonho são denominados por Freud como condensação, deslocamento, consideração pela representabilidade e elaboração secundária (FREUD, 1901/2016); nos dois primeiros processos está bastante visível a hipótese econômica do psiquismo, já introduzida no início deste capítulo. Esmiuçaremos agora as funções de cada um desses elementos, percebidos pelo pai da psicanálise como fundamentais para a constituição da essência do sonho (FREUD, 1901/2016), pois "uma parte das contradições entre conteúdo onírico manifesto e latente poderia ser creditada à realização do desejo. (FREUD, 1901/2016, p.398)

Se compreendemos previamente que a transformação de material latente em manifesto abarca a ideia de tradução, podemos depreender que a linguagem dos conteúdos latentes não poderá ser vista como um bloco monolítico de pensamentos inconscientes, mas sim como uma linguagem composta por inúmeras cadeias associativas, que podem promover uma miríade de interpretações. Freud nos fala sobre a impossibilidade de um elemento do conteúdo onírico manifesto não apresentar "fios de associação em duas ou mais direções, nem situação que não seja composta de duas ou mais impressões e vivências" (1901/2016, p.398). É através desta compressão, de inúmeros pensamentos latentes, em um único elemento manifesto que reside a essência do mecanismo de *condensação*, um dos responsáveis pela incoerência percebida nos sonhos (FREUD, 1901/2016).

Retornemos, porém, ao contexto da abordagem do processo de condensação, em que Freud, através da análise de um sonho pessoal, demonstra que tal operação é percebida como uma das maneiras pelas quais um único elemento do sonho manifesto pode se tornar "o ponto de partida de duas séries específicas de lembranças" (FREUD, 1901/2016, p.400), que condensará a referência a inúmeros elementos dos pensamentos oníricos que possuem um substrato comum. Contudo, Freud nos lembra que, na gramática da análise de um sonho, a relação entre as cadeias associativas não deve ser percebida através da relação "ou-ou" (conforme a lógica da contradição), mas sim através

de uma conjunção aditiva “e”, que estabelece a relação de adição entre uma série de associações. O trabalho do sonho também promove a confluência entre pensamentos oníricos que não dispunham de um mesmo elemento em comum partilhado, aproximação que pode ser realizada através da mudança da expressão verbal de um pensamento, porque permite a vazão em outras expressões, o que Freud compara à produção de rimas (FREUD, 1901/2016). Outra vertente da condensação proposta por Freud, regida pela mesma relação de adição, é a designada por formações mistas, como aquelas que condensam várias pessoas em uma só, processo análogo às produções mitológicas das quimeras. (FREUD, 1901/2016).

A análise do conteúdo onírico permite mostrar que seus elementos constituintes possuem um mesmo núcleo representacional. Contudo, como bem aponta Mezan:

seria errôneo supor que para cada série de elementos latentes ocorresse uma única condensação, produzindo um só elemento manifesto (...). Ao contrário, é toda a massa dos pensamentos latentes que se encontra submetida à condensação, de modo que o mesmo pensamento latente pode estar representado em vários pontos do conteúdo manifesto, tanto quanto um único elemento manifesto estar representado por vários elementos latentes. (2014, p. 80).

Não é possível, portanto, determinar algo como uma cota fixa de condensação: cada novo trabalho de interpretação remeterá a novos pensamentos oníricos, que não apareceram na primeira tentativa de interpretação. Esse fenômeno é decorrente da *sobredeterminação*, que no sonho remete a uma infindável pluralidade de fatores que o determinam, fenômeno este que também pôde ser observado por Freud na sua análise dos sintomas histéricos, em *Estudos sobre a histeria* (1895/2016). Nesses estudos, Freud revela que o sintoma histérico pode ser relacionado a uma miríade de acontecimentos na vida do paciente, de forma que um acontecimento isolado não é suficiente para explicá-lo. Daí, as conclusões que se depreendem para a compreensão da condensação podem ser assim resumidas em sua seguinte formulação:

(...) cada elemento do conteúdo do sonho é sobredeterminado pelo material dos pensamentos oníricos, derivando não de um só elemento desses pensamentos, mas de toda uma série deles, que não precisam absolutamente estar próximos um do outro nos pensamentos oníricos, podendo pertencer às mais diferentes áreas da trama dos pensamentos. (...) Assim como há ligações que vão de cada elemento do sonho a vários pensamentos oníricos, um pensamento onírico costuma ser representado por mais de um elemento do sonho; os fios associativos não convergem

simplesmente dos pensamentos oníricos até o conteúdo onírico, mas sim se cruzam e se entretecem muitas vezes no caminho. (1901/2016, p. 404).

Se a análise dos sonhos nos permite chegar ao conhecimento dos pensamentos oníricos, através dela também percebemos algo que se mostra indispensável na composição do sonho manifesto: trata-se do mecanismo do deslocamento que, como o próprio nome sugere, envolve noções de intensidades e forças que se movem, novamente demonstrando a dinâmica econômica do psiquismo na formação do sonho, pois a ideia central do funcionamento deste mecanismo sugere que a energia psíquica se desloca, livremente, no inconsciente.

Freud afirma a importância deste mecanismo para camuflar tanto o sentido do sonho quanto o vínculo entre conteúdo manifesto e latente, porque é através do deslocamento no trabalho do sonho que “a intensidade psíquica passa dos pensamentos e representações a que pertence propriamente para outro (FREUD, 1901/2016, p.406). Em outras palavras, o que está posto no plano principal do conteúdo onírico nada mais é do que uma espécie de “cortina de fumaça”, expressão muito sugestiva, utilizada por Mezan (2013), para demonstrar como as transferências de intensidade psíquica entre os pensamentos oníricos conseguem atrair atenção para assuntos irrelevantes, de forma que tire o foco do pensamento onírico essencial. Quanto maior for o feito dos deslocamentos, mais anárquico será o conteúdo manifesto do sonho – o que não é acentuado, por exemplo, nos sonhos categorizados como inteligíveis e dotados de sentido, embora em ambos os casos a análise revele conexão com uma impressão vivenciada pelo sonhador nos últimos dias, mesmo que essa possa representar banalidades cotidianas (FREUD, 1901/2016).

O deslocamento ilustra a atuação de uma força psíquica que permite a chegada, à consciência, de representações indiferentes e sem importância, experimentadas nos restos diurnos que, por meio da análise, associam-se às “numerosas vias de ligação pelas quais essas coisas sem valor se conectam ao que há de mais valioso na estimativa psíquica do indivíduo” (FREUD, 1901/2016, p.408). Essa força psíquica, à qual nos referimos, significa a atuação do mecanismo de censura, que será analisada adiante.

Na análise do sonho, o deslocamento se encontra intimamente relacionado à condensação, em uma relação de cooperação. Percebemos que os deslocamentos

substituem uma representação por outra mais próxima, na associação, e a condensação age na interpolação¹ de elementos comuns entre essas representações, permitindo que “algo comum intermediário” (FREUD, 1901/2016, p.410) entre elas chegue ao conteúdo do sonho. Podemos fazer, também, uma analogia com figuras de linguagem para compreender a dinâmica entre esses dois mecanismos: de um lado, temos a condensação representando a metáfora, cuja função na linguagem é substituir um significante pelo outro. Por outro lado, o deslocamento pode ser remetido à metonímia, que consiste na utilização de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, o que indica uma relação de contiguidade entre duas ideias, de forma que a parte é tomada pelo todo.

Ainda no campo da linguagem, Freud nos relembra que, pela análise, os pensamentos oníricos nos aparecem “como que numa língua poética plena de imagens” (FREUD, 1901/2016, p.411), uma linguagem concreta, muito distinta da linguagem racional que empregamos na vigília. Essa forma de expressão, em que pensamentos de todos os tipos são expressos por imagens, é característica do sonho e demonstra o processo de seleção e transformação por que passa o conteúdo latente para ser, por fim, representado em imagens visuais, laboração esta que Freud denomina *consideração pela representabilidade* (FREUD, 1901/2016, p.411); também chamada de *figurabilidade*¹, constitui-se, assim, mais um mecanismo do trabalho do sonho. Aqui, estamos diante de uma transformação linguística dos pensamentos oníricos que habitam o material psíquico: de um lado, temos uma linguagem puramente conceitual e abstrata que passa a ser transformada em linguagem imagética, visual.

Na gênese dos pensamentos oníricos, encontra-se uma miríade de vivências, sobretudo aquelas da primeira infância, que por serem carregadas de afeto foram capazes de nos causar impressões, sendo estas mormente visuais (FREUD, 1901/2016). A notabilidade dessas impressões é visível pela forma com que pensamentos latentes influenciam o conteúdo manifesto dos sonhos, posto que elas funcionam como “um ponto de cristalização atraindo e distribuindo o material dos pensamentos oníricos” (FREUD, 1901/2016, p. 412). Dessa forma, como resultado da consideração pela

¹ De acordo com o *Vocabulário de Psicanálise* de Laplanche e Pontalis, figurabilidade é a “exigência a que estão submetidos os pensamentos do sonho; eles sofrem uma seleção e uma transformação que os tornam aptos a serem representados em imagens, sobretudo visuais”(p. 189/1991)

representabilidade, tudo aquilo que parecia conter uma lógica ou relação causal, entre a massa de pensamentos oníricos, se esvai e é substituído por representações imagéticas que tendem a criar uma espécie de “lógica onírica”, através de características formais da própria estrutura do sonho, como a sucessão, simultaneidade ou inversão que permitem aos pensamentos oníricos encontrar uma forma de figuração no conteúdo manifesto. A consideração pela representabilidade muitas vezes é apoiada pelo mecanismo do deslocamento para demonstrar as relações de inversão, transformando um pensamento pelo seu par oposto.

A *elaboração secundária* ou consideração pela inteligibilidade constitui o quarto mecanismo do trabalho do sonho e, como a própria nomenclatura induz a pensar, pretende criar um arranjo coerente dos elementos do sonho, similar à atividade psíquica normal, que delinea um tipo de narrativa onírica a que Freud alude como uma “espécie de fachada” (FREUD, 1901/2016, p.419), por conferir uma ilusória organização ao conteúdo manifesto. Em um típico relato de sonho, percebemos a atuação deste mecanismo por tendemos a criar falsas conexões entre as representações percebidas como absurdas ou confusas, na tentativa de aproximá-las do pensamento desperto. Outrossim, a elaboração secundária também nos diz sobre como a censura age no conteúdo onírico, posto que ela põe frequentemente em jogo a participação da instância psíquica responsável pelo pensamento de vigília, o que será chamado posteriormente, por Freud, de sistema pré-consciente. Ao acordarmos e percebermos que foi “apenas um sonho”, constatamos a ação da censura que, na tentativa de apaziguar um eventual conflito trazido pelo sonho, tenta minimizá-lo. Freud nos diz ainda que, na tentativa de organizar os fragmentos do conteúdo onírico, na elaboração secundária,

“são utilizadas fantasias com desejos que já se encontram formados nos pensamentos oníricos, e que são da mesma espécie que os “devaneios” (...) que conhecemos da vida desperta. As fantasias com desejos, que a análise revela nos sonhos noturnos, muitas vezes demonstram ser repetições e reelaborações de cenas infantis; assim, em vários sonhos a fachada onírica nos mostra diretamente o verdadeiro núcleo do sonho, deformado pela mistura com outro material” (1901/2016, p.421).

Dessa maneira, o sucesso da elaboração secundária se dá quando esta consegue mascarar radicalmente o sentido do sonho, enquanto os sonhos absurdos mostram sua insuficiência ou fracasso.

Em contiguidade com o trabalho do sonho, Freud também menciona o *simbolismo* como método auxiliar de interpretação do conteúdo onírico. A técnica que, segundo o autor, se aproxima da maneira com a qual povos antigos ou a própria cultura popular procurava esclarecer os sonhos, consiste em recorrer a uma chave arbitrária genérica para interpretar representações que aludem a símbolos culturalmente compartilhados entre os sonhadores que pertençam a um mesmo grupo linguístico ou cultural. (FREUD, 1901/2016). No entanto, percebemos que em *Sobre os Sonhos* (1901) o autor traz uma abordagem simplista sobre o simbolismo, sobretudo quando os materiais de representações aludem a conteúdos sexuais, postulando chaves arbitrárias, de validade universal, para a interpretação de alguns símbolos, como, por exemplo, quando o autor alude a símbolos do pênis, como armas pontudas, troncos de árvores ou bastões (FREUD, 1901/2016). Essa proposição pode ser percebida como uma inconformidade à ideia de interpretação defendida pelo autor - que tomava cada elemento do conteúdo onírico enquanto pertencente à vida subjetiva e ao contexto singular do sonhador. Entretanto, a incongruência que poderia existir entre o generalismo da figuração por meio de símbolos e o método de interpretação dos sonhos proposto por Freud é atenuada, uma vez que o autor entende o simbolismo apenas como recurso auxiliar ao método apresentado e defendido por ele, conforme o trecho abaixo:

Não considerando os símbolos individuais e as oscilações no uso dos símbolos universais, nunca sabemos se um elemento do conteúdo onírico deve ser tomado simbolicamente ou no sentido próprio, e sabemos com certeza que nem todo o conteúdo do sonho deve ser interpretado simbolicamente. O conhecimento do simbolismo dos sonhos apenas nos permitirá traduzir certos componentes do conteúdo onírico, não dispensará a aplicação das regras técnicas dadas anteriormente. Mas constituirá o mais valioso auxílio à interpretação quando as associações do sonhador não aparecerem ou forem insuficientes. (FREUD, 1901/2016, p.443).

Dessa forma, a universalidade do simbolismo não poderá ser compreendida da mesma maneira com a qual Freud defende sua teoria geral de interpretação dos sonhos. O simbolismo onírico, como o próprio autor pontua, “vai muito além dos sonhos” (FREUD, 1901/2016, p.444), ao abarcar significados de determinados símbolos partilhados também na exterioridade do contexto onírico, como no caso dos contos de fadas, lendas, mitos e folclore. Trata-se, portanto, de uma forma acessória e particular para

compreender as possíveis relações que se desvendam entre a vida íntima do sujeito, a produção onírica e a cultura.

Após conhecermos os meandros e atuações dos mecanismos do trabalho do sonho para a formação deste, compreendemos com mais facilidade a afirmativa freudiana de que o “trabalho do sonho não é criativo, não desenvolve nenhuma fantasia própria, não julga, não conclui, não faz senão condensar, deslocar e trabalhar o material tendo em conta sua visibilidade” (1901/2016, p. 422); o conteúdo onírico apenas manifesta aquilo que já havia acontecido no pensamento onírico, sendo este um receptáculo das nossas reminiscências infantis mais significativas, conforme veremos a seguir.

2.3 Do que são feitos os sonhos: o desejo em cena

Como vimos, o que Freud introduz na sua teoria da interpretação dos sonhos é uma espécie de desconstrução do pensamento manifesto em elementos do sonho; as associações remetem ao pensamento onírico latente que, por sua vez, pode ser percebido como um arsenal de significações emaranhadas e unidas através em um conjunto de processos inconscientes que compõem do trabalho do sonho. As atividades de condensação, deslocamento, consideração pela representabilidade e elaboração secundária agem sobre o que seria a matéria-prima dos sonhos, ou seja, o pensamento latente, que equivale ao reservatório dos nossos desejos e fantasias (MEZAN, 2013). Conforme explanação de Freud:

defendo a existência dos pensamentos oníricos como um vasto material de formações psíquicas de elevada ordem e dotado de todas as características do funcionamento intelectual normal, material esse que se subtrai à consciência, porém, até se fazer notar de maneira deformada no conteúdo onírico. Tenho de supor que tais pensamentos se acham em cada indivíduo, pois quase todas as pessoas, inclusive as mais normais, têm a capacidade de sonhar (1901/2016, p.445).

Podemos perceber, portanto, o trabalho do sonho como pertencente ao campo do inconsciente, sendo que Freud confere àquele o caráter cifrado e estranho do seu produto final (FREUD, 1901/2016). Compreendemos, assim, que o desejo se expressa nos

sonhos a partir de uma linguagem cifrada, que só poderá ser compreendida a partir da interpretação. No decorrer da análise dos sonhos, pensamentos estranhos e desagradáveis, anteriormente ocultos ao sonhador, são revelados, o que impõe uma atividade psíquica contrária, que busca confrontar intensamente a cadeia de pensamentos que a análise desvela. (FREUD, 1901/2016). Em outras palavras, o desejo é mascarado no conteúdo manifesto a partir de um intenso trabalho de repressão, oriundo da elaboração onírica. De acordo com Freud, o trabalho do sonho

é apenas o primeiro a ser descoberto, em toda uma série de processos psíquicos a que se deve o surgimento dos sintomas histéricos, das fobias, obsessões e delírios. A condensação, e, sobretudo o deslocamento são características que nunca faltam nesses outros processos também. (1901/2016, p.426).

Freud sugere que os mecanismos do trabalho do sonho podem ser percebidos também como regras que regem o pensamento inconsciente que é caracterizado por seguir uma lógica muito distinta daquela envolvida no pensar consciente. Relembremos que previamente citamos a histeria como matriz clínica do momento histórico de *Interpretação dos sonhos* (1900), o que, por sua vez, serviu como suporte teórico para a colocar a etiologia das psiconeuroses enquanto parte de um mesmo jogo psíquico que poderia ser atestado pela manifestação universal do sonho. Dessa forma, temos sonho, sintomas, atos falhos e chistes como produtos de processos análogos, cuja centralidade está no processo de deslocamento (FREUD, 1901/2016), e é “nas transferências de intensidade psíquica operadas por ele que os pensamentos latentes podem aceder à consciência” (MEZAN, 2013, p.81).

Até aqui fomos conduzidos pela universalidade da tese dos sonhos enquanto realização do desejo; para isso, foi necessário entender os caminhos pelos quais o desejo se apresenta no conteúdo manifesto, o que é feito pelo trabalho do sonho que opera pelos mecanismos psíquicos. De agora em diante, pretendemos abordar os sonhos pelo viés da realização do desejo que nele se expressa – a função do sonho no psiquismo, a ideia de que apenas um desejo poderá impulsionar a atividade onírica.

Freud revela a existência de uma relação na qual a estranheza do conteúdo onírico mantém relação direta com a repressão. Segundo o autor, essa relação revela “a incapacidade de consciência de alguns dos pensamentos oníricos” (FREUD, 1901/2016,

p.427) e conclui que o “sonho tem de ser obscuro, para não revelar os pensamentos oníricos proibidos” (FREUD, 1901/2016, p.427). Estamos diante do conceito de *deformação onírica*, que preza por dissimular e disfarçar os desejos inconscientes e que indica uma *formação de compromisso* entre pensamentos latentes e repressão a partir da censura. A deformação sugere existir uma instância que critica e outra que é criticada. Na análise dos sonhos obscuros de seus pacientes neuróticos, Freud aponta que todos os resultados levavam ao desvelamento de ideias reprimidas, que, por sua vez, possuíam conexões íntimas com os sintomas daqueles (1901/2016). Isso nos leva a perceber o desejo como o elemento inconsciente reprimido nesses sonhos, cuja expressão no conteúdo manifesto só é possível mediante um disfarce.

Vimos antes que Freud distingue três tipos de sonhos. Nos sonhos em que está cristalizada a realização de um desejo, como no caso dos sonhos infantis, Freud (1901/2016) reforça a ideia de que, nestes casos, o desejo se expressa indisfarçadamente, de forma não reprimida; nesses sonhos, os desejos foram acolhidos pela consciência. A segunda classe, à qual pertence a maioria dos sonhos, reúne os sonhos cujo sentido poderá ser revelado pela análise (Freud, 1901/2016). Os sonhos do terceiro tipo, embora também sejam retornos do reprimido, não possui nenhum disfarce; é o caso dos sonhos de angústia, cujo conteúdo fora também um desejo posto à barreira da repressão. (Freud, 1901/2016). Se o desejo se mostra como conflitante e insuportável ao sonhador, este buscará se defender a partir da liberação da angústia, processo característico aos pesadelos e que conduz ao fim do sonho.

O que Freud sugere, portanto, é a existência de um aparelho psíquico composto por “duas instâncias criadoras de pensamentos, das quais a segunda tem a prerrogativa de que seus produtos têm livre acesso à consciência, enquanto a atividade da primeira instância é inconsciente, em si, e pode chegar à consciência apenas pela segunda” (FREUD, 1901/2016, p. 432). O que está implícito nessa categorização é justamente a ideia do inconsciente conceituado na Primeira Tópica, conforme resume Mezan:

O que caracteriza o inconsciente, nesta primeira formulação, é que seu conteúdo só pode aceder à consciência por intermédio do pré-consciente, enquanto os conteúdos deste último têm direto acesso à consciência, desde que dotados de intensidade suficiente e beneficiados com uma certa cota de atenção. (2014, p.87).

Ainda segundo o autor, somente os desejos inconscientes reprimidos implicam a possibilidade de um sonho acontecer (MEZAN, 2013). Mas de qual mecanismo o psiquismo lança mão para fazer a transposição dos desejos, mesmo que disfarçados, acederem à consciência? Para responder a essa questão, analisaremos a relação entre o ato de dormir e o mecanismo da censura, posto que essa habita uma região fronteira entre as instâncias delimitadas previamente por Freud (1901/2016).

Sendo a censura uma espécie de filtro do psiquismo, que permite apenas passar à consciência aquilo que lhe é tolerável, reprimindo aquilo que não for, Freud nos lembra também que existem determinadas condições, como o estado do sono, que permitem um afrouxamento da censura, embora seja impossível eliminá-la (1901/2016). Como contrapartida, temos a ação de uma outra instância, composta pelos pensamentos reprimidos, que força caminhos rumo à consciência. Este jogo de forças e contraforças que ocorre no sonho se dá em outros fenômenos psíquicos que seguem o mesmo esquema básico de repressão, afrouxamento da censura e formação de compromissos verificados na atividade onírica (FREUD, 1901/2016). Isso nos permite equiparar a estrutura da formação onírica com a de um sintoma – lembremos que neste trabalho consideramos a histeria como matriz clínica. Entenderemos melhor essa analogia por meio das palavras de Mezan (2014) a respeito do sintoma histérico:

Também este é uma realização de desejo; na verdade, é uma dupla realização, porque para constituí-lo são necessários dois desejos, que procedem cada um de um sistema diferente – inconsciente e pré-consciente – e que coincidem na mesma expressão. No sonho, inexistente esta dupla realização; somente o desejo inconsciente se realiza, sem qualquer criação “reativa” procedente do outro sistema. (p. 107).

Se no sonho, portanto, o imperativo é a realização do desejo, podemos concluir também que este é o objetivo único do inconsciente, cuja força reside nos impulsos de desejos que ganham expressão a partir da representação de um desejo realizado. No entanto, para tornar a equação do princípio do prazer verificável no psiquismo humano, é mister olhar para qual outro desejo seria realizado no sistema pré-consciente. A resposta é trivial: atende ao desejo de dormir. Com base nessa esquemática, compreendemos toda a profundidade envolvida na afirmativa freudiana de que devemos reconhecer “o sonho como o guardião do sono” (FREUD, 1901/2016, p. 434), sendo essa a sua função. Nas palavras do autor,

enquanto essa instância, na qual reconhecemos nosso Eu normal, se acomoda ao desejo de dormir, parece que as condições psicofisiológicas do sono a obrigam a relaxar a energia com que segurava o material reprimido durante o dia. (FREUD, 1901/2016, p.436).

Contudo, Freud nos relembra que mesmo que estejamos absorvidos no sono profundo, “há um montante de atenção livre em guarda contra os estímulos sensoriais, que pode fazer com que o despertar pareça mais aconselhável do que a continuação do sono”. (1901/2016, P. 436). Essa “sentinela” do psiquismo é a própria censura, que diante de estímulos externos poderia fazer uma mãe acordar com o choro do seu bebê ou interromper nosso sono quando alguém nos chama pelo nome (FREUD, 1901/2016). No entanto, se no polo inconsciente estamos lidando com as potentes forças do desejo, como assegurar que essas não seriam capazes de irromper a camada inconsciente e assim nos privar do sono? Freud esclarece:

Essa atenção vigilante se volta também para os estímulos internos com desejos, que vêm do material reprimido, e forma com eles o sonho, que sendo compromisso, satisfaz as duas instâncias ao mesmo tempo. O sonho cria uma espécie de solução psíquica para o desejo suprimido ou formado com a ajuda do material reprimido, ao apresentá-lo como realizado; mas também satisfaz a outra instância, ao permitir a continuação do sono (1910/2016, p.437).

Dessa forma, compreendemos que o desejo que se expressa no sonho se comunica através de uma linguagem confusa e cifrada, pois deformada pela formação de compromisso do inconsciente com o recalque; ou seja, o conteúdo inconsciente só chega à consciência sendo intermediado pelo pré-consciente e depois de sofrer as deformações produzidas pela condensação, deslocamento, figurabilidade e elaboração secundária. No caso do sono, percebemos que não é propriamente o desejo que se torna consciente, mas sim um compromisso selado pela instância psíquica considerada como dominante. Mezan resume muito bem essa estrutura do sonho:

O sonho exemplifica, assim, a realização do desejo inconsciente, mas também a do desejo pré-consciente de dormir. Pode-se dizer que ele (...) tem a estrutura de um sintoma, já que nele coincidem dois desejos procedentes de sistemas diferentes, que atuam conjuntamente na sua formação: o sistema pré-consciente, afinal, é quem exerce a censura, e sem censura não haveria sonho (2019, p.108).

Freud ainda pontua que existem “casos-limite em que o sonho já não consegue manter a função de impedir que o sono seja interrompido – como no sonho de angústia - e a substitui por outra, de terminá-lo a tempo” (1901/2016, p.437); também aponta situações em que estímulos externos são reinterpretados em novos contextos, de forma que um desejo reprimido seja realizado, o que pode ser observado em sonhos que antecedem o despertar, quando ruídos externos são reaproveitados no conteúdo onírico para que o sono dure um pouco mais.

Nesse ponto, o que Freud busca demonstrar é o fato de que o “sonho mostra o desejo como realizado e a pessoa acredita nele enquanto dorme” (1901/2016, P. 435), o que saciaria a realização do desejo inconsciente e deixaria o caminho livre para o sono. Essa afirmativa é central para compreendermos o desejo realizado no sonho como uma *reprodução alucinatória das percepções* que mais deixaram marcas significativas no nosso psiquismo, uma vez que “a imagem onírica suscita essa crença porque toma a aparência psíquica da percepção”. (FREUD, 1901/2016, p. 435).

Para exemplificar, Freud relembra da percepção do sonho pelas crianças que, por ainda não diferenciarem muito bem as fantasias da realidade, tomam o sonho como uma realização do desejo sem muitos dribles do psiquismo, enquanto nos adultos, aptos a realizarem essa distinção de materiais psíquicos, os desejos se apresentam nos sonhos através de um conteúdo onírico deformado pela censura (1901/2016).

A partir desses dois panoramas do sonhar, em crianças e adultos, podemos tatear o que seria o insumo do desejo, o alimento do sonho. Ora, se entendemos com Freud que a ação da censura nos sonhos busca suprimir desejos irrefreáveis, motores do inconsciente, compreendemos a base da primeira teoria psicanalítica freudiana, cujo edifício é erigido a partir da influência da sexualidade infantil na concepção do psiquismo, conforme sugere o autor:

(...) assinale-se que nenhum outro grupo de instintos experimentou uma tão ampla supressão por exigência da educação civilizatória como os sexuais, mas que, ao mesmo tempo, os instintos sexuais são também os que na maioria das pessoas escapam mais facilmente ao controle das instâncias psíquicas mais altas. Desde que tomamos conhecimento da sexualidade infantil, que muitas vezes é discreta em suas manifestações e geralmente ignorada e mal compreendida, podemos dizer que quase todo indivíduo civilizado mantém a configuração infantil da vida sexual em algum ponto, e compreendemos, assim, que os desejos sexuais infantis

reprimidos forneçam as mais robustas e frequentes forças motrizes para a formação dos sonhos. (FREUD, 1901/2016, p.440).

Nesse trecho, percebemos a condição infantil do inconsciente, “no qual habitam desejos por assim dizer eternos: no sonho, reencontramos a criança presente com todos seus impulsos” (MEZAN, 2019, p. 108). Se o primado do desejo reside nas nossas percepções de satisfação mais primitivas, pelos sonhos se pavimenta a estrada que todas as noites percorremos, na tentativa de reestabelecer essas primeiras percepções. Em outras palavras, o inconsciente proposto por Freud, em seus primeiros construtos metapsicológicos, refere-se a um reservatório de energia regulada exclusivamente pelo princípio do prazer, que busca incessantemente uma descarga satisfatória – designada pelo autor como o processo primário, exemplar para qualificar a hipótese econômica do psiquismo.

Por exigir uma intensa atividade do aparelho psíquico, esse retorno às nossas primeiras sensações de prazer teria seu efeito contrário, inundando o psiquismo com uma condição de desprazer. Nos sonhos, o desejo infantil se conecta a outras representações que demonstram uma relação de identidade com o primeiro, através do laborioso trabalho do sonho, sobretudo do deslocamento, que coloca em jogo uma gramática do inconsciente composta por intensidades, ênfases e forças. Tendo o material infantil como fonte do sonho e, por conseguinte, do desejo, também podemos afirmar que os sonhos criam conexões com nossos materiais mnêmicos da primeira infância, recursos que, na maioria das vezes, não estão disponibilizados na vida de vigília.

Freud nos diz, portanto, que a análise de um sonho sempre revela o que a censura busca mascarar no conteúdo manifesto: a satisfação de um desejo sexual infantil reprimido, que se embrenha em conexões com nossos restos diurnos para desembocar em representações difusas nos sonhos (1901/2016). A realização dos desejos nos sonhos é, portanto, uma “experiência de satisfação” que nos conecta às nossas primeiras “identidades de percepção”, conceitos elaborados por Freud no capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos* (1900), e que, embora não sejam devidamente explicitados em “Sobre os sonhos”, seguem implícitos nas entrelinhas. Em relação a tais conceitos, Mezan sintetiza:

(...) sobre a realização de desejo, encontramos a descrição da “experiência de satisfação”, que se reproduz alucinatoriamente através da “identidade de percepção”. Ora, essa experiência é a origem do desejo, e a persistência deste último dá conta do caráter infantil do inconsciente, no qual habitam desejos por assim dizer eternos: no sonho, reencontramos “a criança presente com todos os seus impulsos” (2019, p.108).

Entretanto, lembremos que a universalidade da teoria freudiana da interpretação dos sonhos busca também demonstrar a teoria das psiconeuroses, proposta pelo autor. Portanto, “assim como para formar um sonho é necessário que o desejo infantil se una a outro, o do “resto diurno”, na formação da neurose ocorre um processo de reforço do desejo infantil pela intervenção da sexualidade” (MEZAN, 2019, p.108).

Assim, podemos formular novamente a tese do sonho como realização de desejo, de modo a mantê-la de acordo com o caminho percorrido até aqui. Todo sonho é uma realização de desejo - sendo que a maioria dos sonhos trata de uma realização disfarçada de desejos reprimidos; mas o conflito implicado pela realização de desejo é também o recurso fundamental para compreender as formações psicopatológicas e, sobretudo, a dinâmica do aparelho psíquico, segundo o ponto de vista freudiano.

3. A figurabilidade nos sonhos traumáticos

Ao inaugurar o século XX com a grande obra *Interpretação dos sonhos* (1900), Freud postula que os sonhos têm como função principal a realização de desejos, lançando, assim, a pedra de toque da sua teoria sobre o inconsciente, um momento ímpar da psicanálise, que, segundo o autor, “fez a passagem de procedimento psicoterapêutico à psicologia da profundidade” (FREUD, 1933, p.126).

Dada a magnitude e originalidade da obra para a epistemologia psicanalítica, Freud manteve uma posição de sentinela com sua teoria dos sonhos, de forma a mantê-la atualizada perante os novos desdobramentos da psicanálise ao longo dos anos, o que pode ser verificado nos incrementos conceituais que o autor realizou em *Complemento Metapsicológico à teoria dos sonhos* (1917[1915]) e *Revisão da Teoria do sonho* (1933). Estes textos demonstram a plasticidade da teoria dos sonhos nos distintos momentos da teoria freudiana, mas também abriram fissuras para novas postulações, como é o caso dos sonhos de origem traumática, nossa bússola para o desenvolvimento deste capítulo.

Pretendemos apresentar uma correlação entre a função onírica, sobretudo no que tange à figurabilidade e a elaboração de traumas, tendo como pano de fundo a virada epistemológica na obra freudiana de 1920, mais especificamente a partir do texto *Além do princípio do prazer* (1920). Nele, o autor apresenta um ponto de inflexão em sua metapsicologia, ao propor que o psiquismo não é regido apenas pelo princípio do prazer – ideia deduzida a partir da observação de Freud sobre o fenômeno da repetição, presente nos sonhos daqueles que padeciam das ditas neuroses traumáticas. Articulada ao contexto contemporâneo de um mundo pós-pandêmico, que se reergue a partir dos escombros deixados pela pandemia da covid-19, a correlação da função simbolizante dos sonhos a processos traumáticos também será evidenciada neste capítulo, com o intuito de demonstrar a validade e originalidade dos conceitos freudianos em cenários atuais, conforme nos lembram Pereira e Coelho Junior na obra *Oniricopandemia*:

No sonhar, a função de realização de desejo se soma à de tratamento do potencial traumático. Historicamente, os tempos de crise são, além de muito dolorosos, altamente criativos, e o sonhar é uma dessas produções, mesmo quando se trata de sonhos de repetição e ansiedade (2021, p.16).

Conforme descrevemos no capítulo anterior, a teoria dos sonhos, de 1900, foi uma via de mão dupla para a compreensão das neuroses, sendo estas também importantes

para influenciar a construção da concepção dos sonhos daquela época. Duas décadas após *Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud demonstra alguns desvios na máxima universal da função dos sonhos, enquanto realização de desejos, a partir da observação das neuroses traumáticas:

Aqui seria, então, o lugar de admitir pela primeira vez uma exceção à tese de que o sonho é uma realização de desejo. Os sonhos de angústia não constituem exceções tais (...) e tampouco os “sonhos de castigo”, pois apenas substituem a realização proibida do desejo pelo castigo que lhe é apropriado, sendo, portanto, a realização de desejo da consciência de culpa que reage ao instinto repudiado. Mas os supramencionados sonhos dos neuróticos traumáticos já não se incluem na perspectiva da realização do desejo, nem os sonhos, ocorrentes nas psicanálises, que nos trazem à memória os traumas psíquicos da infância. Eles obedecem antes à compulsão de repetição, que na análise, de fato, é favorecida pelo desejo (encorajado pela “sugestão”) de evocar o que foi esquecido e reprimido. Assim, também a função do sonho, de eliminar motivos para a interrupção do sono por meio da realização de desejos, não seria a sua função original; ele a teria assumido apenas depois que toda a vida psíquica aceitou o domínio do princípio do prazer. Se existe um “além do princípio do prazer”, é coerente admitir que também houve uma época anterior à tendência dos sonhos a realizar desejos. (1920/2016, p.196).

Neste trecho, estão resumidas algumas ideias fundamentais que deslocam a função dos sonhos enquanto realização de desejos. A função do sonho é reavaliada por Freud quando o autor admite uma exceção à sua tese, com base na observação dos sonhos dos neuróticos traumáticos, que os remetiam às cenas traumáticas de outros tempos, o que consistiria em um desvio da concepção de desiderabilidade dos sonhos. Na compulsão à repetição, percebida nas manifestações oníricas e determinante dos sonhos traumáticos, está implícita a necessidade do psiquismo de lembrar aquilo que outrora foi reprimido ou esquecido, diferente do que é manifestado nos sonhos de angústia ou castigo que, como já vimos previamente, são da ordem do desejo.

Uma visão geral sobre a importância do sonhar em momentos históricos turbulentos e dramáticos também nos é colocada pelos autores Pereira e Coelho Junior:

Sonhar é uma tentativa de reparação, transformação e criação psíquica diante da catástrofe, e pode acordar as representações recalçadas, quando inaugura uma condição de representação que pode ficar inibida pelo terror e pelo risco do traumático. (...) Pois os sonhos, mesmo os de repetição e de ansiedade, são formas de resistência contra a dessubjetivação. (2021, p.15).

Nesse contexto, devemos considerar alguns pontos fundamentais daquilo que se colocou como um ponto fora da curva à teoria dos sonhos de 1900. Devemos, primeiramente, salientar que a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), momento crítico do qual o desenvolvimento da teoria freudiana foi contemporânea, não alterou apenas as relações geopolíticas do continente europeu, mas também deixou feridas abertas no psiquismo daqueles que combateram no conflito: o legado da guerra gerou um “verdadeiro museu de sintomas histéricos” (Ferenczi apud Mezan, 2014, p. 268) e demonstrou, por certo, a influência dos eventos sociais e políticos na psique humana.

Foi nos sonhos traumáticos dos neuróticos de guerra que Freud observou a insistência do psiquismo em reviver situações do trauma, o que não apenas pavimentou o caminho para o autor construir seu conceito de compulsão à repetição, mas também o inclinou a relativizar sua tese do princípio do prazer como único regulador do psiquismo. Ao constatar que sonhos traumáticos remetiam o sujeito à própria angústia, Freud reformula a teoria do trauma na psicanálise, ao mesmo tempo que inaugura as bases para o conceito de pulsão de morte (1920/2016), ideia radical para a elaboração de sua segunda teoria pulsional (MEZAN, 2014), conforme veremos adiante.

3.1 O trauma em cena

Sabemos a relevância que tanto os sonhos quanto o trauma possuem na teoria freudiana. Se demonstramos, no primeiro capítulo, como os sonhos atestaram diversas elaborações psicanalíticas, propomos agora uma breve digressão sobre o conceito psicanalítico de trauma, que tem, desde os *Estudos sobre a histeria* (1895), um vínculo indissociável com o surgimento dos sintomas histéricos (1895/2016).

As primeiras formulações acerca das psiconeuroses são erguidas tendo o trauma como consequência do choque do sujeito com algo da esfera sexual. Naquele momento, mesmo que a sexualidade ainda não fosse percebida com a importância conceitual que ganhou ao longo da obra de Freud, mostrou-se fundamental para a ocorrência das vivências traumáticas, o que possibilitou a compreensão da existência de um conflito psíquico. (Freud & Breuer, 1893/1976; Freud, 1895/1976). Nos primórdios da psicanálise,

Freud (1896/2016) elabora seu conceito de trauma como aquilo que se ergue a partir da sua teoria da sedução:

as experiências sexuais infantis constituem a precondição fundamental da histeria, isto é, constituem, realmente, a disposição para esta, e que são elas que criam os sintomas histéricos, mas não o fazem imediatamente, permanecendo inicialmente sem efeito e só exercendo uma ação patogênica depois, quando emergem após a puberdade sob forma de lembranças inconscientes. (p. 212).

Contudo, essa relação entre trauma e histeria tem uma certa oscilação a partir do momento em que Freud abandona sua teoria da sedução, recolocando a operatividade do trauma não como decorrente de uma experiência real de abuso, mas, sobretudo, das lembranças que são evocadas a partir das associações com a cena traumática, o que o faria afirmar que histéricos, invariavelmente, sofrem de reminiscências. Dessa forma, a realidade psíquica passa a ser indispensável para a compreensão do trauma psíquico, cujas fronteiras iriam além do acontecimento exterior, colocando o trauma como um acontecimento que surge em um segundo tempo, a partir da excitação interna que é suscitada por um evento externo. O sujeito acometido pelo trauma é pego desprevenidamente e seu aparelho psíquico demonstra-se insuficiente para elaborar o excesso de excitação decorrente do evento traumático, o que fundamenta o traumatismo a partir do ponto de vista econômico (LAPLANCHE e PONTALIS, 1968/1991). Isto posto, as lembranças oriundas do trauma aparecem carregadas de afeto represado e desequilibram o princípio de constância do psiquismo, já que são percebidas como um corpo estranho pelo mesmo. Nos anos posteriores da metapsicologia freudiana, o ponto de vista traumático, embora não esquecido, vai se tornando mais “opaco”, na medida em que se desenvolvem as elaborações freudianas sobre a fantasias.

Em *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (Freud, 1917/2016), Freud nos diz que a gênese das neuroses se encontra na predisposição do psiquismo à fixação da libido, somada às experiências traumáticas no adulto; portanto, as doenças neuróticas são constituídas a partir de uma série amparada por dois pilares – a própria constituição sexual do sujeito e a sua experiência infantil - o que corroborou para que o autor persistisse na sua concepção de trauma como algo que aconteceria *a posteriori*, posto que o infantil e o atual são intrincados também nas novas formulações teóricas.

A experiência foi mostrando ao fundador da psicanálise que a construção da sexualidade infantil é um período marcado por intensas impressões traumatizantes, que demonstra como o trauma estrutural é presente desde a tenra constituição psíquica do sujeito. Se Freud nos convoca a pensar a experiência do viver por si só como traumática, o autor, persuadido a desenvolver uma nova acepção teórica do trauma a partir das neuroses traumáticas do pós-guerra, também nos convida a ampliar a reflexão acerca da definição econômica do traumatismo psíquico, que é retomada em *Além do Princípio do Prazer* (1920): a análise dos sonhos traumáticos o leva a “supor que na vida psíquica há realmente uma compulsão à repetição, que sobrepuja o princípio do prazer” (FREUD, 1920/2016, p. 183).

Para ampliar e ilustrar a dimensão econômica do trauma, Freud equipara o psiquismo à imagem de uma vesícula viva, indiferenciada e excitável, que possui uma camada protetora de excitação voltada ao exterior, capaz de receber grande afluxo de estímulos e de se defender diante das injunções externas (FREUD, 1920/2016). A metáfora da vesícula viva nos permite realizar, portanto, uma analogia com o aparelho psíquico, sendo este percebido como um sistema aberto voltado ao mundo externo que, ao receber estímulos advindos de fora, também deveria ser robusto o suficiente para metabolizar todo o afluxo de excitação que nele se deposita. Freud compara esse processo à formação de uma casca endurecida pela constante ação dos estímulos exógenos, como um escudo protetor (1920/2016); temos aqui a concepção do conceito de para-excitações, “que protege a psique do contato traumático com o mundo exterior” (Mezan, 2014, p.279).

O trauma aconteceria quando essa membrana fosse rompida devido a uma quantidade superior de excitação do que ela é capaz de metabolizar, cabendo, portanto, ao aparelho psíquico a tarefa de tentar religar toda a massa de excitações. Em outras palavras, a tentativa é de escoá-las de maneira mais regular e reestabelecer o princípio de prazer. O interesse freudiano pela *ligação psíquica* decorrente de impressões traumáticas se dá, justamente, pela observação dos sonhos traumáticos, que catapultam o sujeito para sua própria angústia, evidenciando a primazia, no psiquismo, da compulsão à repetição, conforme o autor enuncia:

Se os sonhos dos neuróticos que sofreram acidentes fazem os doentes voltarem regularmente à situação do acidente, então eles não se acham

a serviço da realização de desejos, cuja satisfação alucinatória tornou-se, sob o domínio do princípio do prazer, função dos sonhos. Mas podemos supor que desse modo eles contribuem para outra tarefa, que deve ser resolvida antes que o princípio do prazer possa começar seu domínio. Tais sonhos buscam lidar retrospectivamente com o estímulo, mediante o desenvolvimento da angústia, cuja omissão tornara-se a causa da neurose traumática. (FREUD, 1920/2016, p.195).

A vinculação entre trauma e repetição que Freud estabelece em *Além do Princípio do Prazer* reside em trazer à baila não apenas a dimensão econômica - portanto, quantitativa – sobre os rumos das grandes cargas de excitação que invadem o psiquismo, mas conecta também um aspecto mais qualitativo, associado à compulsão à repetição, ou seja, a tendência da psique de retornar a um estado anterior, gênese do conceito de pulsão de morte. (MEZAN, 2014).

Se o trauma é percebido como um evento capaz abalar as estruturas do princípio do prazer, rompendo com as barreiras de proteção do sujeito e ameaçando a integridade psíquica deste, a compulsão à repetição aparece como uma tendência do psiquismo a reestabelecer a vinculação dessas quantidades de energia desligadas decorrentes do evento traumático, para que possam ser novamente reinseridas no circuito psíquico.

O fenômeno da repetição é evidenciado também desde as tenras manifestações da vida psíquica do sujeito, a partir dos jogos infantis. Estes demonstram a capacidade de uma criança de elaborar os desprazeres advindos da falta da figura materna, ao invés de apenas se manter passivo diante dela, como, por exemplo, o jogo do Fort-da, descrito por Freud em *Além do Princípio de Prazer* (1920), que indica como a criança, “a cada nova repetição parece melhorar o controle que busca ter sobre a impressão” (FREUD, 1920/2016, p.200). Entretanto, é nos sonhos traumáticos que Freud encontra uma explicação mais pertinente para evidenciar sua proposição a respeito da compulsão à repetição, conforme nos esclarece Mezan:

Os menos suspeitos para confirmar a tese da compulsão de repetição são mesmo os sonhos da neurose traumática, porque todos os outros exemplos envolvem mistura em grau maior ou menor de motivações e forças psíquicas já conhecidas: princípio do prazer e resistência ao desprazer no caso das neuroses, participação do indivíduo na constituição do seu próprio sintoma (2014, p. 278).

Como já mencionado, as neuroses traumáticas observadas a partir do período pós-guerra recolocaram a centralidade do trauma na teoria psicanalítica. Presente desde *Estudos sobre a histeria* (1895), o conceito passa por uma reformulação da “virada de 1920”, período que delimita uma nova versão da teoria das pulsões e, também, a construção da segunda tópica freudiana. Podemos também acrescentar que a epistemologia do trauma, pós-1920, inaugura também uma nova função dos sonhos condicionada a partir dos eventos traumáticos, revelando que “os sonhos terminam, via de regra, com desenvolvimento de angústia” (FREUD, 1933/2016, p.156), o que abre uma exceção à tese freudiana enunciada em *Interpretação dos sonhos* (1900). A recondução insuportável à cena traumática, experimentada no sonho de pessoas que sofreram um profundo trauma psíquico, fez com que Freud questionasse sua postulação da função dos sonhos como realização de desejos, além de promover um remanejamento da rota acerca da exclusividade do princípio do prazer como eixo da dinâmica psíquica, conforme recapitula o autor:

Um evento como o trauma externo vai gerar uma enorme perturbação no gerenciamento de energia do organismo e pôr em movimento todos os meios de defesa. Mas o princípio do prazer é inicialmente posto fora de ação. Já não se pode evitar que o aparelho psíquico seja inundando por grandes quantidades de estímulo; surge, isso sim, outra tarefa, a de controlar o estímulo, *de ligar psicologicamente as quantidades de estímulo que irromperam para conduzi-las à eliminação*. (FREUD, 1920/2016, p.192, grifos meus).

A tarefa primordial, atribuída ao psiquismo, passa a ser, pois, a de ligar as quantidades de energia livre e excedente de modo a poder “gerenciar” e “metabolizar” esses estímulos externos.

Tendo a atenção direcionada para o fenômeno dos sonhos traumáticos, a concepção de trauma, de 1920, atesta, por sua vez, a importância do trabalho de ligação psíquica das excitações que inundam o psiquismo após o evento traumático; por serem constituídas de um excesso de intensidade, atestam a dificuldade psíquica para sua metabolização, o que nos leva a pensar se haveria um contraste entre a noção de energia presente em *Interpretação dos Sonhos* (1900) e em *Além do Princípio de Prazer* (1920). A catástrofe da guerra confrontou os sujeitos com demandas que não estariam preparados psiquicamente para suportá-las, o que sugere uma condição de que o

excesso de energia desligada no psiquismo poderia ser insuportável – ideia que difere da concepção de energia que vimos no primeiro capítulo, aqui recapitulada nas palavras de Mezan:

Haveria um excesso represado, e este excesso precisaria ser liberado, um pouco à maneira da catarse, para repor em circulação aquilo que estava por assim dizer imobilizado ou congelado. E este “aquilo” é uma certa quantidade de energia, geralmente sexual. Ao que estaria ligada a energia dita ligada? A representações, é claro: o protótipo da energia ligada de modo estável a um nó de representações é o sintoma. Consequentemente, o que é a análise? É a “des-ligação”, a separação da libido agarrada aos sintomas como as cracas à casca de um navio. (2014, p.279).

O contraste principal entre os dois momentos da obra freudiana pode ser, portanto, evidenciado em um primeiro momento a partir do afeto fixado a representações, que seria característico do imobilismo da neurose, cujo trabalho psíquico seria a dissolução e restauração das ligações representacionais; enquanto na situação traumática percebemos a energia em busca de ligação com representações.

Em *Complemento Metapsicológico à teoria dos sonhos* (1917[1915]), Freud postula que o sonhar é um ato puramente autocentrado, por ser derivado do “narcisismo do estado do sono” ((1917[1915])/2016, p.153). Portanto, diante de conteúdos manifestos que evocam cenas traumáticas ao sujeito, a tentativa de manter a integridade narcísica do Eu é primordial para fazer frente à “ameaça de fragmentação autoerótica” (Pereira et al, 2020, p.109). A formação do sonho, que implica uma regressão narcísica e topológica, permite que o conteúdo do pensamento seja transformando em uma fantasia-desejo, “que torna-se consciente como percepção sensorial, e nisso experimenta a elaboração secundária a que está sujeito todo conteúdo perceptivo” (Freud, 1917[1915])/2016, p.161). Isso permite uma reelaboração do material onírico em novos arranjos e configurações, demonstrando, assim, um constante “confronto entre os movimentos de unificação e fragmentação que participam da constituição psíquica e se renovam ao longo da vida” (Pereira et al, 2020, p. 109).

A reconsideração do trauma, em 1920, nos demonstra que o excesso decorrente de uma situação traumática deixa o sujeito à mercê de um fluxo de energia incapaz de ser simbolizada, excedente esse que “abre assim um buraco na rede de representações e obstrui a produção de sentido” (Mezan 2014/2019, p.284). Estamos agora aptos a

compreender com mais detalhe a função simbolizante da repetição dos sonhos traumáticos na reconstituição do psiquismo traumatizado, a partir do trabalho das operações de ligação e desligamento.

3.2 A função simbolizante nos sonhos traumáticos

Diante da catástrofe ou de situações com potencial traumático, o trauma surge como uma tormenta de afetos paralisantes, capaz de dessubjetivar ou inibir a vida psíquica do sujeito. O enigma da repetição do trauma nos sonhos nos leva a compreender a dinâmica econômica da ligação psíquica, que indica uma tentativa de reintegração simbólica da cena traumática, visto que seria uma tentativa de religar a energia psíquica excessiva, novamente, ao circuito pulsional e à rede de representações (Mezan, 2014/2019).

Em *Revisão da teoria do sonho* (1933/2016) Freud insere uma atualização pertinente sobre o papel dos sonhos nas neuroses traumáticas, ao apontar que agem como combustíveis para o desenvolvimento de angústias. Nas palavras do próprio autor:

a fixação inconsciente num trauma talvez seja o maior desses impedimentos à função do sonho. Enquanto o sonhador é obrigado a sonhar, pois o afrouxamento noturno da repressão faz com que a pressão para cima da fixação traumática se torne ativa, fracassa a função do seu trabalho do sonho, que quer transformar os traços mnemônicos do evento traumático numa realização de desejo. (FREUD, 1933/2016,p.157).

Na esteira dessas considerações, pode-se conceber o sonho como um vetor restaurador da representabilidade, o que permite dar novos contornos e movimento a cenas outrora enrijecidas por afetos paralisantes, através de uma gramática própria, regida, sobretudo, pelo mecanismo da figurabilidade. Conforme vimos no capítulo anterior, a figurabilidade diz respeito à mutação do pensamento latente em imagens, de modo que “orienta os deslocamentos para substitutos figurados” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1968/1991, p.189). Segundo Freud, dentre os mecanismos do trabalho do sonho, a figurabilidade torna-se o dispositivo “mais interessante psicologicamente” (FREUD, 1916-1917/2014, p.191), mesmo que o autor não se debruce detalhadamente sobre o tema em seus escritos, por destacar os mecanismos de condensação e

deslocamento. A curiosidade do autor sobre o mecanismo da figurabilidade é justificada pelo fato dessa manifestar uma “característica arcaica do sonho” (FREUD, 1916-1917/2017, p.217), conforme sua ação dentro do escopo do trabalho do sonho diz muito sobre os primeiros empreendimentos do intelecto humano, uma vez que “recorre a estados de nosso desenvolvimento intelectual que já superamos há muito tempo, como a linguagem imagética, o recurso aos símbolos e, talvez, a relações anteriores ao desenvolvimento de nossa linguagem discursiva” (FREUD, 1917-1917, p.217).

Isto confere à figurabilidade o poder de abarcar não apenas a pré-história individual e infantil de cada sujeito, mas também o estatuto de uma ferramenta importante para a compreensão da pré-história filogenética da humanidade. No início, portanto, não era o verbo – mas sim as figuras e as sensações – de modo que a figurabilidade “é função primordial da subjetivação” (Pereira e Coelho Junior, 2020, p.18).

Retomando a iteração dos sonhos traumáticos, percebemos que afetos que pareciam estagnados e desligados no psiquismo passam a ganhar novos contornos através da atividade onírica, transformando-se em angústias cognoscíveis que façam sentido ao sujeito, como dizem Pereira e Coelho Jr. (2020). A remodelação do sonho traumático em angústia poderia, portanto, ser percebida como um degrau rumo à tese dos sonhos como realização dos desejos, já que “a angústia é o sinal de que o desejo reprimido se mostrou mais forte que a censura” (FREUD, 1916-1917/2016, p.237) e que nela “há algo que protege do terror e também da neurose de terror” (FREUD, 1920/2016, p.169); ou seja, quando “a função de realização de desejo se soma à de tratamento do potencial traumático” (PEREIRA E COELHO JR., 2020, p.16).

Freud nos relembra que a gênese do conteúdo manifesto do sonho, embora auxiliado pelos mecanismos da condensação e deslocamento, encontra-se na transformação de pensamentos em imagens, ou seja, na consideração à figurabilidade dos sonhos. (Freud, 1915[1917]/2016). Ainda sobre o mecanismo, o autor vienense adiciona “quão pouco o trabalho do sonho se atém às representações de palavras; a todo momento ele se dispõe a trocar as palavras, umas pelas outras, até encontrar a expressão mais conveniente para a representação plástica” (FREUD, 1915[1917] /2016, p.160).

Nesse contexto, embora os sonhos traumáticos possam catapultar o sujeito de volta à cena traumática, também desempenham um generoso papel do psiquismo em transformar a entropia pulsional, tão característica do trauma, em energia ligada. A repetição do traumático nos sonhos, desse modo, é uma tentativa persistente de ligação intrapsíquica de uma lembrança não metabolizada subjetivamente, até que essa possa, enfim, ser elaborada e representada por intermédio da figuração plástica de pensamentos e palavras, tão elementar aos sonhos, conforme sustentam Pereira e Coelho Jr. na introdução da coletânea *Oniricopandemia*:

Quando os sonhos parecem partir de um além do princípio do prazer, típico da repetição do terror, é necessário reconhecer um trabalho da ligação pela figuração, mas também dar seguimento a essa transformação psíquica. As figuras intensas e distantes do desejo, movidas pela pulsão de dominação, correm o risco de se fixar em cenas que vão do terror ao trauma, podendo permanecer avessas ao trabalho de luto a à mobilidade da memória. A captura de uma figura dos sonhos deve ser pensada como evanescente, pois sua maior força está na eloquência polifônica e multideterminada do trabalho de figuração (...) (2020, p.17).

Ao articular o trauma com a ideia de excesso de excitações que rompem barreiras de proteção do psiquismo e ocasionam distúrbios característicos das neuroses traumáticas, Freud (1920/2016) vincula sua exposição à dimensão econômica (quantitativa) do trauma. É, portanto, da ordem de intensidades relativas, enquanto o fenômeno da repetição explora uma dimensão mais qualitativa, porque é “considerada como uma tendência básica do funcionamento psíquico (...) ou compulsão à repetição” (Mezan, 2014, p.284).

Dessa forma, compreendemos que aquilo que é excessivo carece de processamento e vínculos psíquicos, operações capazes de proteger o aparelho psíquico das inundações de estímulos traumáticos. Entretanto, apontamos que o trauma não diz apenas sobre o rompimento da membrana protetora do psiquismo, mas atua também na destruição da trama de representações que dão sentido à vida psíquica (MEZAN, 2014).

Se o traumatismo ocorre quando o sujeito, diante da morte ou de outra situação de risco, é pego inesperadamente, podemos compreender o trauma como um corpo estranho que invade a vesícula, previamente descrita. É justamente essa incrustação que

está associada à sensação de horror, na qual não há representação a que ela possa estar associada: não há palavras, nem ideias para expressá-la:

Este aparelho psíquico que processa as excitações pulsionais, fazendo-as circular numa rede de produções criadoras de finas diferenças, quer dizer, portadoras de sentidos e de representações, sob o impacto do trauma de certa forma se liquefaz, caindo no puro nonsense; ou, para evitar isso, imobiliza-se, premido pela urgência da necessidade agora prioritária de se reconstituir e de sobreviver. (MENEZES, apud MEZAN, 2014, p. 284).

É aí que o vazio representacional poderia se instalar, tendo na ruptura psíquica a experiência mais radical, por ser “uma experiência sem imagem, tal como a da psicose branca (...) constituir os recursos de figurar e representar inclui criar fantasmas e pesadelos, pois em sua total recusa o que resta é a inibição psíquica e o vazio” (PEREIRA, 2014, p.120, apud PEREIRA E COELHO JR., 2020, p.16). Dessa maneira, nos sonhos traumáticos, o fracasso da função do sonho, enquanto realização de desejos, pode ser justificado pela falta de ligação do elemento traumático, que fica à deriva no psiquismo. Repeti-lo é, então, um remanejamento na rota de seus propósitos, na tentativa de busca por um continente psíquico representacional do sujeito através do trabalho de ligação.

A figurabilidade se apresenta, dessa maneira, como uma vertente do trabalho do sonho, capaz não apenas de dar contornos imagéticos e representacionais à energia pulsional móvel, característica do processo primário, mas também como uma função capaz de realizar ligações intrapsíquicas, atuando diretamente no alargamento do campo simbólico do sujeito, trabalhando a favor da pulsão de vida.

Freud resgata, na *Revisão da teoria do sonho* (1933), a conversão dos pensamentos oníricos latentes em uma gramática própria aos sonhos, composta por imagens e cenas visuais (1933/2016). A isso, o autor adiciona:

Todos os recursos linguísticos com que são expressas as mais sutis relações de pensamento – as conjunções e preposições, as mudanças de declinação e conjugação - desaparecem, porque faltam os meios de representá-los. Como numa linguagem primitiva sem gramática, apenas o material bruto do pensamento é expresso, as coisas abstratas são remetidas às coisas concretas que a elas subjazem. (FREUD, 1933/2016, p.143).

Freud recobra a força da imagem no circuito do psiquismo, demonstrando que as imagens mais marcantes são aquelas que permitem que os mecanismos de condensação se façam presentes, concatenando assim um mosaico de pensamentos latentes em uma única imagem, o que amplia a possibilidade de conexões e associações do psiquismo (FREUD, 1933/2016). À vista disso, compreendemos a figurabilidade como um processo que também pode ser abarcado em sua dimensão qualitativa:

A figuração pode ser pensada como processo original para inscrição psíquica: não representação e figurabilidade se encontram no instante em que são recolhidos os elementos sensoriais não representados, bastante desorganizadores do psiquismo, e é dada a eles uma forma, uma figura, tal como uma lembrança. (PEREIRA, 2006, p.51 apud PEREIRA E COELHO JR., 2020, p.20).

Podemos assumir, portanto, que a figurabilidade se mostra como uma operação que colabora para a “associatividade entre ideias, afetos e memórias” (Pereira et al, 2020, p.78) que constitui o funcionamento psíquico.

As postulações de Freud a respeito dos sonhos traumáticos não se alongam no sentido de citar explicitamente uma conexão entre a questão da figurabilidade e o traumático, ficando relegada às conexões acerca do fenômeno da repetição da cena traumática nos sonhos, o que evidencia a importância destes como ferramenta para acessar os fenômenos inconscientes. Em *Revisão da teoria do sonho* (1933), o autor vienense revisita sua máxima dos sonhos como realização dos desejos, readequando-a a partir das suas observações acerca dos sonhos traumáticos, sem, no entanto, se aprofundar teoricamente sobre a importância da figurabilidade na elaboração do traumático. Entretanto, suas concepções foram fundamentais para engendrar o pensamento de outros teóricos psicanalistas acerca do fenômeno do sonho.

A fim de compreender a temática da figurabilidade nos sonhos traumáticos, recorreremos a Bion e sua teoria acerca das funções oníricas *alfa* e *beta*. O psicanalista britânico nos convoca a pensar na produção de sentido, tendo nos elementos *beta* aqueles que se manifestam originariamente através de imagens, cabendo à função *alfa* a inscrição psíquica dessas, com o intuito de transformar impressões sensoriais brutas em sonhos, pensamentos ou memórias (BION, 1962, apud PEREIRA et al., 2020). Ainda sobre este autor, Pereira et al nos dizem que os “elementos *beta* que são contidos manifestam-se primariamente através de imagens, e, posteriormente, chegam a ser

narrativas (...) pensar em sua origem é sonhar; o sonho é o pensamento inconsciente” (2020, p.82). A busca pelo sentido, portanto, diz sobre dar corpo às experiências em estado bruto, o “que coloca o vivido em uma imagem” (PEREIRA et al., 2020); isto é, nos permite representar pictoricamente as emoções, para que delas possamos fazer circular a palavra, através da construção de narrativas e metáforas que se desdobram e criam novos sentidos, a partir das incontáveis possibilidades de associações que permeiam o pensamento.

No primeiro capítulo deste trabalho, vimos que, embora a compreensão do sonho seja sempre individual, o outro nos auxilia profundamente no processo de interpretação e, conseqüentemente, na elaboração. A associação de pensamentos em conjunto permite que ao sonho lhe seja subtraído seu caráter de estranhamento, ao permitir que ganhe valor e passe a fazer sentido. Dessa forma, podemos nos interrogar: o que podemos fazer com os sonhos que nos batem à porta todas as noites? Ora, comunicá-los! Somos colocados pelos sonhos diante de uma intensidade de afetos que “convoca ao trabalho secundário de narração” (PEREIRA E COELHO JR., 2020, p.17). Sobre a narração dos relatos oníricos enquanto promotores de pensamentos e novas cadeias associativas, Pereira et al. (2020) diz que:

(...) o contar o sonho facilita a expansão da função alfa do sonhador, ampliando suas possibilidades de autocontenção. Considerando os aspectos intrapsíquicos e intersubjetivos envolvidos, a narração do sonho promove o desenvolvimento do pensamento, a interiorização da função alfa, permitindo o pensar, o devanear, ampliando, ainda, a capacidade de conter afetos e emoções. (p. 80).

Traumias psíquicos podem ser percebidos como registros no corpo que ainda não contém representação. O sonho funcionaria, portanto, como uma espécie de intérprete que decodificaria as imagens oníricas na tentativa de compreensão daquilo que, embora ainda se mostre inacessível para o sonhador, é motivo de dor, ansiedade ou angústia. Entretanto, um intérprete não se faz sem interlocução – o endereçamento dos sonhos a um terceiro é um “convite para entrar em contato com o mais íntimo e verdadeiro em nós mesmos: o pensamento onírico, a inquietante realidade que nos habita, as emoções que se expressam intensamente através de imagens” (Pereira et al, 2020, p.37). Se Freud nos fala que a interpretação dos sonhos permite tornar o inconsciente consciente (1900/2016), Bion sugere uma readaptação desse postulado, ao sugerir que o analista seja capaz de não apenas ouvir o relato onírico, mas que seja capaz também de sonhar

a sessão através da função onírica *alfa*; em outras palavras, faz-se necessário tornar a experiência bruta experimentada pelo sonhador em inconsciente (Pereira et al, 2020). O deslocamento do sonho da "perspectiva individual/intrapsíquica para a dimensão intersíquica/intersubjetiva" (Pereira et al, 2020, p.79), proposta por Bion, abre um campo para que aquela possa ser digerida e contida em imagens, por meio da estratégia de sonhar coletivamente:

A dor partilhada e sonhada nunca mais é a mesma. Encontra guarida em imagens, palavras e no olhar do outro; bem abrigada, essa dor pode, então, ser verdadeiramente sofrida. É Bion que nos fala a respeito da necessidade de sofrer a dor, de adentrar nela, sem fugir; a dor não sofrida e não sonhada transforma-se em ódio, vazio e arbitrariedade. (BION, 1970 apud PEREIRA et al., 2020, p.87).

Os sonhos aterrorizantes podem ser concebidos, portanto, como uma tentativa do psiquismo de “apropriação e figuração de experiências que lidam com as forças destrutivas, e não com as formas de negação típicas do recalque”, como dizem Pereira e Coelho Jr. (2020, p.18).

Pensar a figurabilidade dos sonhos na teoria freudiana implica, portanto, compreender também a topologia do psiquismo, já que a figuração é constitutiva deste, uma vez que ela permite, desde nossa tenra infância, vincular emoções e sensações por meio de imagens, para posteriormente nomeá-las.

Na figurabilidade presente nos sonhos, o sujeito, antes rebaixado ao papel de coadjuvante de sua própria vida, poderá encontrar meios menos tortuosos de se recolocar em cena. A faceta enigmática do sonho atravessa o sujeito, que se interroga sobre o conteúdo ali manifestado. Dessa inquietação, tão cara para o ser humano, talvez possa germinar condições para que a palavra volte à baila, na tentativa de representar o irrepresentável.

Embora o conceito de compulsão à repetição tenha sido analisado, sobretudo a partir de traumas experimentados pelo sujeito, lembramos que, para Freud, a própria constituição psíquica é, por si só, traumática. Viver é renunciar às satisfações pulsionais imediatas e, dos resíduos que decorrem dessa renúncia ao princípio do prazer, emerge a trama do pensar. Por isso, concordamos com Freud (1920/2016) quando nos diz que os sonhos traumáticos são o fenômeno psíquico mais autênticos para verificar a universalidade do trauma no psiquismo.

Se o trauma nos remete à fixação e paralização de afetos, devemos também resgatar a ideia do psiquismo como um sistema aberto e modificável. Na fenda que separa, mas também conecta, o princípio da realidade à realidade psíquica, encontramos a brecha que “cria condições para caber algo do desejo na realidade” (PEREIRA E COELHO JR., 2020, p.24). O trabalho da análise nos convoca a partilhar sonhos, na tentativa de resgatar o desejo dos escombros do trauma. No divã, a figurabilidade dos sonhos se faz presente como um empreendimento psíquico capaz de produzir sentido no que era percebido como vazio.

4. Considerações finais

Neste momento, retomemos a questão central do trabalho. Pretendíamos compreender duas concepções freudianas acerca do sonho, seja a perspectiva clássica de realização do desejo, estabelecida em 1900, seja a do sonho como vetor de elaboração traumática, conforme o autor examina em *Além do princípio de prazer* (1920). Buscamos também concatenar estes dois âmbitos epistêmicos a partir da elucidação dos mecanismos do trabalho do sonho, enfatizando a figurabilidade, uma vez que a figuração visual dos sonhos é exigência da expressão do pensamento onírico. A figuração é fundamental para compreender o sonho como expressão de desejos infantis recalçados e também como tentativa do psiquismo de dar destino aos restos do trauma.

Levando em consideração essas abordagens, apontamos no primeiro capítulo que a interpretação de um sonho invariavelmente manifesta a satisfação de um desejo sexual infantil reprimido. Entretanto, essa decifração desiderativa não é simplória, visto que a deformação onírica, que confere aos sonhos uma expressão despojada de racionalidade e coerência, é produto da censura imposta ao psiquismo e atrelada aos mecanismos do trabalho do sonho, capazes de deslocar, condensar e figurar representações que disfarçam o desejo reprimido. Nesse sentido, o trabalho de interpretação de um sonho seria uma atividade que permite esclarecer um sentido oculto (um desejo inconsciente), sendo este o motor da formação dos sonhos. A interpretação, portanto, distingue “as causas, tanto materiais (o desejo inconsciente) quanto formais (as operações do processo primário que incidiram sobre o material original)” (MEZAN, 2014, p.555).

Vimos que Freud concebe a estrutura de um sonho espelhada tal e qual a de um sintoma, o que nos permitiu também concluir que o sonho é uma formação psíquica universal e singular, tal como os chistes e atos falhos. A importância dos sonhos para Freud, portanto, reside no fato de que sonhos justificam e demonstram toda a concepção teórica que subjaz ao edifício psicanalítico, sendo um “ato psíquico inteiramente válido, de sentido e valor plenos, que podemos usar como qualquer outra comunicação, na análise” (FREUD, 1936/2016, p.129).

A argúcia que constitui o pensamento freudiano pode ser evidenciada quando o autor manifesta prudência acerca da sua afirmativa de que sonhos são realização de

desejos inconscientes, a partir da sua observação de sonhos de repetição oriundos do período pós-guerra, que evidenciavam um funcionamento do psiquismo para além da regência do princípio do prazer. Vimos, ao longo do segundo capítulo, que o autor, ao estabelecer a metáfora da vesícula viva para a compreensão do psiquismo, inaugura uma nova concepção sobre o trauma, definindo-o como um evento que inunda o aparelho psíquico, deixando este à mercê de qualquer possibilidade de simbolização do ocorrido. Nesse sentido, os sonhos de repetição de cenas traumáticas, tão distantes do campo do desejo, demonstram-se como tentativas de um trabalho de ligação, tendo no mecanismo da figurabilidade sua principal força motriz, capaz de dar contorno e novos arranjos àquilo que carecia de inscrição ou forma, no caso dos afetos decorrentes de um trauma.

A figurabilidade dos sonhos, portanto, é indispensável para compreender os processos psíquicos de subjetivação. Aprendemos que a função simbolizante nos sonhos traumáticos auxiliaria o sujeito na busca de um continente psíquico, tendo no território da figura um caminho possível entre a dor desencadeada pelo trauma para se chegar à uma inscrição, depois à palavra e, por fim, à reelaboração traumática. A figurabilidade, portanto, é a mola propulsora que leva o afeto irrepresentável à sua figuração plástica, abrindo caminhos para apreensão e tradução daquele. Dessa forma, o processo de interpretação dos sonhos, nessa dimensão, não condiz com a ideia de “escavação” de um desejo recalçado, mas sim como “tentativas de apropriação e figuração de experiências que lidam com as forças destrutivas” (Pereira e Coelho Junior, 2020, p.18).

Entretanto, ao compreender essas duas dimensões do sonho no psiquismo, pergunto-me se não estaríamos condicionando por demais o psiquismo à uma lógica universal calcada em sujeitos estruturados a partir do recalque. A tentativa freudiana de abrir caminhos para a aceitação científica do sonho também não teria criado uma certa estagnação nos estudos oníricos? Ao encaminhar a interpretação dos sonhos por uma perspectiva de valorização da sexualidade, Freud também não teria “fechado” muito seu pensamento em chaves-fixas de interpretação do pensamento onírico? Essas inquietações ressoam em mim desde que passei a estudar a função dos sonhos a partir das perspectivas de povos originários, tendo na escrita de Ailton Krenak e Davi Kopenawa valiosíssimos exemplos para ampliar a escuta sobre os sonhos.

Freud nos coloca que o sonho é um fenômeno universal narcisista e egoísta, cujos elementos manifestos estão invariavelmente conectados ao protagonismo do sonhador (FREUD, 1917[1915]/2016). Na visão da cosmologia yanomami xamânica de Davi Kopenawa, a percepção narcísica do sonho é um fenômeno puramente ocidentalizado, quando nos diz que “os brancos não sonham tão longe quanto nós. Eles dormem muito, mas só sonham consigo mesmos” (KOPENAWA E ALBERT, 2015, p.390). Para os yanomamis, o sonho é uma vinculação entre espírito e cosmo, o que permite um alargamento da interpretação onírica, ao contrário do que nos diz Freud, que considera os sonhos enquanto “uma projeção, uma exteriorização de um processo interior” (Freud, 1917[1915] /2016, p.154). Ailton Krenak (2019) também nos convida urgentemente a voltar a pensar o sonho como forma de adiar o fim do mundo, lembrando como o ato de sonhar é imbuído de uma potente força criativa que nos conecta com nosso próprio mito individual e coletivo, ao reconectar nossa vida de vigília com nossa vida onírica, usando o diálogo como ferramenta.

Portanto, se cabe ao analista manter sempre uma condição de estranhamento face à teoria, espero que, com este breve percurso teórico, tenhamos também compreendido a concepção freudiana dos sonhos não como um ponto de chegada, mas como um ponto de partida para ampliar nossas vias de acesso ao mundo onírico. Precisamos extrapolar os muros teóricos na tentativa de conceber o sonho para além do desejo e da simbolização; o vagar da imagem e da palavra podem ser valiosos instrumentos para criar sentidos inéditos, abrir novas cadeias associativas e também outros arranjos sociais.

Referências Bibliográficas:

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (1900) In: *Obras Completas*. Vol 4. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

_____. Sobre os sonhos (1901). In: *Obras Completas*. Vol.5. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

_____. Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos (1917[1915]). In: *Obras Completas*. Vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

_____. Conferências introdutórias em psicanálise (1916) In: *Obras Completas*. Vol. 13. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

_____. Além do princípio do prazer (1920) In: *Obras Completas*. Vol. 14. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

_____. Novas conferências introdutórias à psicanálise (1933)) In: *Obras Completas*. Vol. 18. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

KOPENAWA, Davi, ALBERT, Bruce. 2015. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras (2019).

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019). São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAPLANCHE Jean, PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de Psicanálise*. 11a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LIMULJA, Hanna. *O desejo dos outros* (2022). São Paulo: Ubu, 2022.

MEZAN, Renato. *Freud: a trama dos conceitos*. 5a ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MEZAN, Renato. *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise*. 2a ed. São Paulo: Blucher, 2019.

MONZANI, Luis Roberto. *Freud: o movimento de um pensamento*. 2a ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PEREIRA Adriana Barbosa, COELHO JR, Nelson Ernesto. *Sonhar – figurar o terror, sustentar o desejo*. São Paulo: Zagodoni Editora, 2021.

RIBEIRO, Sidarta. *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho* (2019). São Paulo: Cia das Letras, 2019.

WINNICOT D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019.